BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Nº72 23 de Novembro de 2001 **Quinzenal** **Director:** Sérgio Alves
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

O que se passa na FCDEF?

Perseguições, abuso de poder e falta de democracia. São estas algumas das graves acusações que ex-docentes, alunos e licenciados da Faculdade de Ciências do Desporto fazem contra aqueles que a dirigem.

Páginas 2 e 3

HELENA MARQUES

De volta à contestação

Na sequência dos cortes orçamentais no ensino superior, os estudantes voltaram à contestação. Depois da manisfestação em Lisboa, outras medidas encontram-se em preparação.

Página 4

Academia
Eleições para a AAC

Com mais um processo eleitoral à porta, os candidatos apresentam as suas propostas. João Oliveira e Vítor Hugo Salgado são os candidatos à sucessão de Humberto Martins.

Página 5

Cidade
Eleições autárquicas

A pouco menos de um mês das eleições autárquicas, os candidatos à Câmara Municipal de Coimbra apresentam os seus projectos e falam da relação entre a cidade e a academia.

Página 7

Desporto
João Alves em entrevista

O treinador da Briosa fala do ambiente que se vai vivendo para os lados do Calhabé. Isto numa altura em que a equipa ocupa os primeiros lugares da II Liga.

Páginas 12 e 13

Cultura
"Acto Cultural"

A Escola da Noite encena uma peça do dramaturgo venezuelano José Ignacio Cabrujas. Repleta de humor e ironia, esta produção retrata uma sociedade fictícia que podia ser a nossa.

Página 15

Reportagem
Desesperadamente Sós

Também em Coimbra, cidade dos estudantes e das festas, é possível sofrer solidão e angústia. Algumas situações atingem contornos de verdadeiro desespero. Um tema delicado que merece reflexão.

Páginas centrais

Acusações graves atingem órgãos dirigentes

Acusações graves atingem dirigentes da

Perseguições, abuso de poder e falta de democracia. São estas algumas das graves acusações que ex-docentes, alunos e licenciados da Faculdade de Ciências do Desporto fazem contra aqueles que a dirigem.

Emanuel Graça
Sérgio Alves

O ambiente que se vive na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF) da Universidade de Coimbra (UC) está longe de ser pacífico. Isto a fazer fé nas declarações de ex-docentes, alunos e licenciados da instituição, que acusam os seus dirigentes de abuso de poder e desrespeito pelos valores mais básicos da cidadania. "Vive-se um clima de terror", dizem.

"Não existe sistema democrático naquela casa". É desta forma que Anabela Pereira, professora doutorada e docente demissionária da FCDEF, descreve o ambiente que se vai vivendo no interior da faculdade. Docente na instituição desde 1998, Anabela Pereira pediu a rescisão do contrato que a ligava à faculdade nos primeiros dias do mês de Novembro, continuando entretanto a leccionar em regime não remunerado. A sua saída da FCDEF ficou a dever-se a todo um conjunto de situações que, na sua opinião, "são demonstrativas da total inexistência de regras democráticas. Não me foram dadas as condições mínimas para poder trabalhar".

Corroborando por inteiro com estas afirmações, Zélia Matos, actualmente docente na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, esclarece que a sua saída da instituição surge em virtude do funcionamento geral da faculdade, onde "não são respeitados os princípios básicos da vida académica, da gestão democrática de uma faculdade, bem como os valores mais básicos do respeito pelos direitos das pessoas". Zélia Matos, que pertenceu aos quadros da FCDEF da Universidade de Coimbra desde a sua fundação, acabando por sair em 1999, afirma ter sido perseguida, objectivamente e subjectivamente: "Disseram-me claramente que iria ser perseguida administrativamente".

Também Pedro Iglésias, actualmente docente na Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), afina pelo mesmo diapasão dos seus ex-colegas. No seu caso particular, a saída da faculdade deu-se em 1998, depois de ter integrado o corpo de docentes desde a fundação. Para este ex-docente é peremptório o desrepeito ao artigo 3º do regulamento da faculdade, coincidente com o artigo 7º dos estatutos da universidade, onde se pode ler que a FCDEF se rege "pelo pluralismo e pela liberdade de expressão, orientação de opinião, promovendo a participação democrática de todos os estudantes, docentes, investigadores e funcionários da vida académica". Para Pedro Iglésias, "isto não é nada cumprido e, pelo contrário, quem fala é prejudicado, quem fala é posto de lado". "Aquilo que se vive na FCDEF é uma ditadura clara (...), é um regime de terror", conclui. Por fim, refere ainda que "na Faculdade de Ciências do Desporto da UC, em vez de se gerirem os conflitos que são normais entre pessoas, promovem-se os conflitos."

As acusações seguem-se

Quanto a Susana Guerra, ex-assistente estagiária da faculdade, tudo é ainda mais estranho. Enquanto aluna da FCDEF, é elevada a responsável pelo laboratório de Bio-Cinética da instituição, ficando à frente de uma unidade avaliada em milhares de contos. Entretanto, após a conclusão da sua licenciatura, entra numa escola como docente, onde passa a integrar os quadros. Porém, a faculdade entra em contacto com ela, contratando-a sob o pretexto de "conveniência urgente de serviço". Deste modo, é admitida como assistente estagiária, o que usualmente equivale a carreira académica posterior. Assim que obtém da faculdade a reafirmação do interesse nos seus serviços, Susana Guerra demite-se do seu cargo na escola, entrando nos quadros da FCDEF. Depois de ter passado o primeiro semestre nos Estados Unidos, com equiparação a bolseira, para efeitos de avançar seu mestrado, lecciona duas cadeiras do segundo ano e uma cadeira prática no segundo semestre. Estranhamente, no ano posterior, sob o pretexto de que a faculdade não tem horário disponível para lhe atribuir, o seu contrato não é renovado.

Em declarações ao Jornal Universitário A CABRA, Susana Guerra renega esta justificação: "Sei perfeitamente que não fui afastada pela inexistência de horários. Quanto às verdadeiras razões que conheço, prefiro não me pronunciar". Em início de carreira académica, Susana Guerra lamenta que "tenham brincado com a minha vida". Refira-se que a ex-assistente tem actualmente um processo pendente em tribunal contra a FCDEF.

Outra das vozes que se levanta contra o Conselho Directivo é a de Ana Cruz, ex-aluna da faculdade, que corrobora com as restantes opiniões: "é um autêntico regime ditatorial em que nós não temos a mínima hipótese", refere. Para esta ex-aluna (que entretanto se tranferiu para a FCDEF da Universidade do Porto), é óbvio que "o Conselho Directivo não se preocupava com os alunos nem com o que os alunos iam aprender, simplesmente se preocupava com ele, com as coisas que lhes davam mais jeito". Ana Cruz acusa ainda este órgão de gestão de ameaçar e tentar boicotar a actuação do Conselho Pedagógico, do qual fez parte, e ainda de deitar ao chão o nome da faculdade. Refere ainda que, apesar das muitas saudades que tem de Coimbra, estava a ficar preocupada com o seu futuro e, esclarecendo: "Há bons professores na faculdade, simplesmente a sua actuação está limitada". Em jeito de balanço, Esta ex-aluna congratula-se com o facto de ter conseguido esquecer muito do que passou na FCDEF, classificando-o de "traumatizante".

Quadro de docentes

"Não se pode falar em falta de competência porque todos os docentes que entretanto sairam daquela faculdade foram desde logo convidados e colocados em instituições de grande mérito. A actual filosofia da instituição impede claramente que o quadro docente se estabilize", explica Pedro Iglésias. O que é no entanto um facto, é a "falta de alternativas ao poder instituido actualmente na faculdade. Com a rápida saída de professores doutorados, é reduzido o leque de pessoas eventualmente capazes de se constituirem como alternativa às pessoas que lá estão", lamenta este ex-docente.

Lara Lima, actual aluna da FCDEF, é da mesma opinião: "As pessoas capazes, assim que têm oportunidade, acabam por deixar a faculdade. E com isto temos uma cada vez maior falta de professores com formação, já que os bons foram embora". O resultado desta política é, segundo refere, "que os alunos chegam cada vez menos preparados ao estágio".

No que diz respeito a uma eventual explicação para a manutenção de uma situação que todos caracterizam de insustentável, Pedro Iglésias atribui responsabilidades à inércia de todos aqueles que convivem ou conviveram diariamente com a situação: "A culpa tem que ser atribuida a todos nós". Lara Lima complementa: "A manutenção da situação actual começa na base da pirâmide. A culpa tem também que ser imputada directamente aos alunos e aos professores cuja inércia acaba por contribuir para que o estado de coisas não se altere".

Por seu lado, Anabela Pereira considera que a participação dos alunos é bastante condicionada: "Um aluno que opine sobre uma qualquer situação que esbarre na posição do Conselho Directivo, é um aluno que vai ter dificuldade em acabar o curso". Sobre este assunto, Lara Lima partilha da mesma ideia: "Quem se opuser à política do Conselho Directivo passa automaticamente a fazer parte da sua lista negra. Existe um constante medo de represálias".

E o reitor?

Outra das razões apontadas para a não resolução deste imbroglio é a alegada "inércia mantida pela Reitoria da Universidade de Coimbra em todo este processo". Zélia Matos é peremptória ao denunciar "o notório alheamento da Reitoria da Universidade de Coimbra desta questão que, interpretando desajustadamente aquilo que deve ser a autonomia das faculdades, vai sendo conivente com aquilo que se vai passando debaixo dos seus olhos". Também Anabela Pereira não poupa críticas à actuação da Reitoria: "requeri um inquérito, cujas conclusões se aguardam. O senhor reitor sabe de tudo, os próprios alunos já falaram com ele".

Confrontado com estas acusações, Fernando Rebelo refere que

D.r.

Polémica atinge FCDEF, com ex-docentes, alunos e licenciados a tecerem graves críticas à actuação do Conselho Directivo

Faculdade de Desporto

"a existir inércia, o que efectivamente parece existir, não será minha. Há um caso que foi apresentado ao ministério há bastante meses atrás, tendo sido nomeado um inspector para fazer uma inspecção à faculdade. Portanto - adianta - eu tenho todo o interesse em que se resolvam as coisas e podem ter a certeza absoluta que não tenho sido eu o homem da inércia. Aliás, tenho insistido com a inspecção-geral para que se resolva rapidamente o inquérito".

No que diz respeito à saída dos docentes e às acusações que são feitas à gestão da faculdade, o reitor da UC esclarece que "em todas as faculdades existem problemas entre professores e o conselho directivo. Nesses casos, continuo a acreditar que dentro do nosso sistema democrático de gestão, há condições para resolver problemas desta natureza". Quanto aos abandonos dos docentes em concreto, Fernado Rebelo lamenta a situação: "Enquanto amigo pessoal da Dra. Anabela e da Dra. Zélia, custou–me imenso que elas se fossem embora da Universidade de Coimbra".

Por fim, quando questionado sobre se apoia directamente e inequivocamente o Conselho Directivo da FCDEF, e nesse sentido, a pessoa de Paulo Coelho, o reitor é peremptório: "Claro que não. Claro que não apoio. É evidente que se eu apoiasse inteiramente, não tinha aceite a inspecção dentro da faculdade". No entanto, acrescenta: "O reitor não tem nada que apoiar ou deixar de apoiar seja qual conselho directivo for. Há uma tradição em Coimbra e que é a tradição das universidades grandes, de os reitores não interferirem na vida das faculdades. Tenho é que ser sensível aos problemas que se põem. E fui tão sensível que andei para a frente com o tal processo de inquérito que está a ser desenvolvido".

Paulo Coelho responde

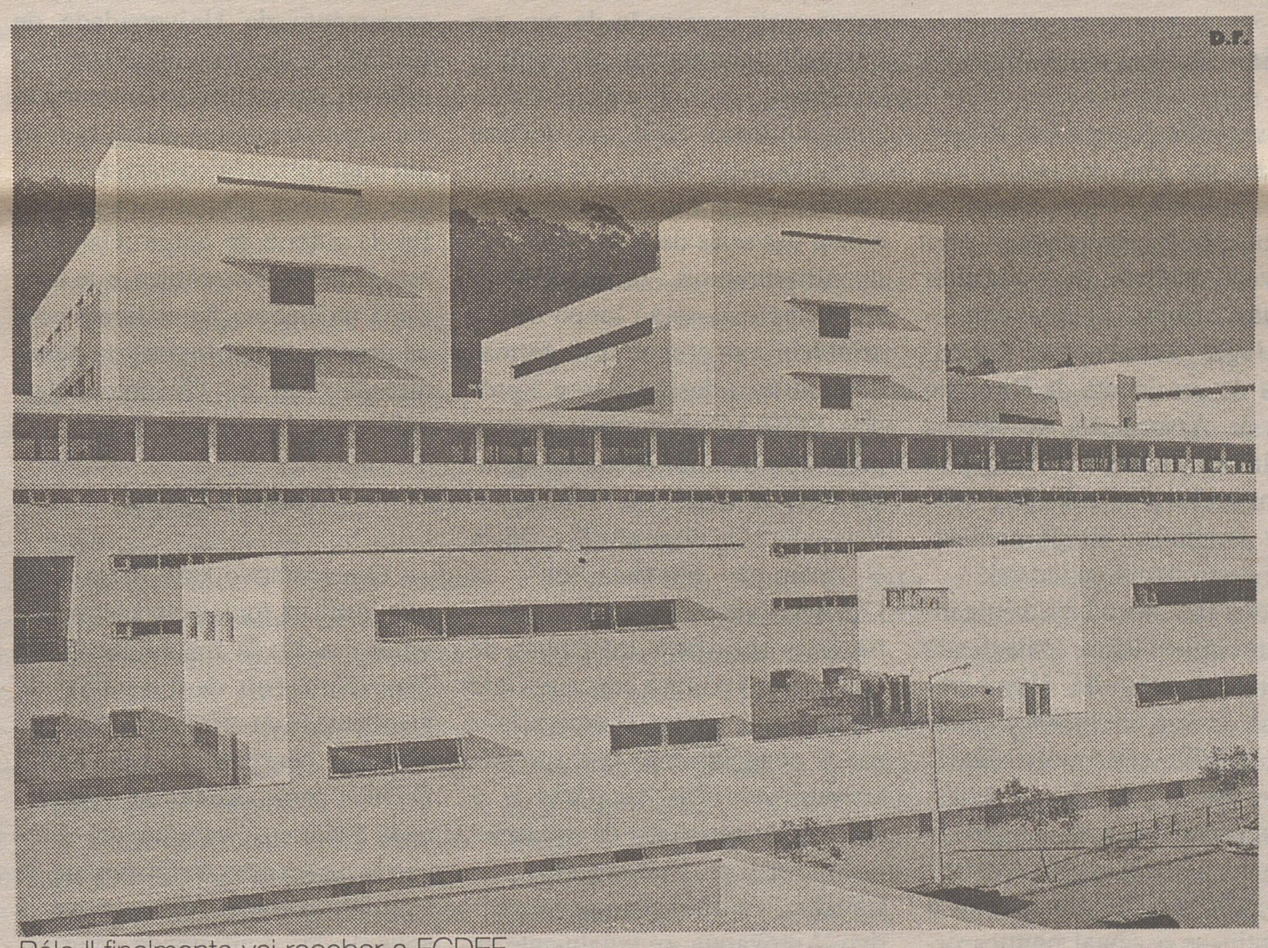
Quando contactado acerca destas acusações, Paulo Coelho, presidente do Conselho Directivo e do Conselho Pedagógico da FCDEF, prefere adoptar pela contenção na resposta, esperando pelo momento que considerar mais oportuno para comentar as declarações dos ex–docentes da faculdade. Segundo ele, "A faculdade está aberta a responder àquilo que somos acusados nas instâncias competentes. Se há factos concretos de falta de democracia, se há factos concretos de desrespeito aos plenos direitos do cidadão, as pessoas têm as instâncias próprias para o fazer, que são a Procuradoria–Geral da República, a justica civil ou criminal. As pessoas devem fazer valer os seus direitos por aí. Porque só assim serão provadas as culpas de quem as tem", acrescenta.

Para o presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências do Desporto, esta questão trata–se de uma óbvia perseguição: "Sabemos que existem outras instituições aqui dentro de Coimbra que, de um modo geral, fazem campanhas contra a faculdade, campanhas essas que se baseiam em acusações falsas. Nós queremos que o nosso nome, o nome da faculdade seja enaltecido pelo valor que tem e pelo trabalho que tem feito em prol da melhoria da qualidade do ensino, apesar de todas as dificuldades". Na sua opinião, estas são querelas do foro pessoal que nada têm a ver com o funcionamento da instituição em si: "Tratam–se de declarações que não são inocentes". Quanto ao ambiente da faculdade, Paulo Coelho esclarece: "Nós temos um ambiente agradabilíssimo".

Faculdade à vista

Após um longo período de indeterminação, a FCDEF começa a vislumbrar o início do processo que irá traduzir–se num conjunto de instalações definitivas no Pólo II.

Emanuel Graça


D.R.

Pólo II finalmente vai receber a FCDEF

Com a divulgação dos valores finais do Programa de Investimento e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC) para 2002, a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF) viu finalmente serem–lhe atribuídas verbas destinadas à criação de infraestruturas definitivas na área do Pólo II.

Com este dinheiro será possível, segundo afirma Seabra Santos, vice–reitor da Universidade de Coimbra (UC), arrancar com o lançamento do concurso para elaboração do projecto da faculdade já no próximo ano, para que as obras arranquem, na melhor das hipóteses, em 2003 e que estejam concluídas em 2004.

Ainda assim, o vice–reitor, responsável pelas infraestruturas da universidade, não esconde que ainda subsiste algum descontentamento perante o valor da verba atribuída (cerca de 20 mil contos), referindo que, "se a verba fosse maior, as obras poderiam andar com maior celeridade". Neste sentido, Seabra Santos critica o governo, referindo o "desinvestimento continuado nas universidades, sobretudo nas universidades clássicas e em particular na UC", acrescentando que, neste momento, esta se encontra na cauda das universidades públicas portuguesas em termos de instalações. No entanto, é inequívoco ao afirmar que a FCDEF é uma prioridade para a Reitoria.

Já quanto a Paulo Coelho, presidente do Conselho Directivo e do Conselho Pedagógico da FCDEF, este crê que "com a definição dos recursos do PIDDAC para a própria faculdade, isso poderá agilizar assim a construção" das infraestruturas definitivas.

Porém, este professor explica que o Conselho Directivo defende que, actualmente, a melhor solução seria a construção de um pré–fabricado devido ao facto de os alunos serem continuarem a ser directamente afectados, na medida em que se têm de dispersar por várias faculdades: "Acreditamos que isso iria ao encontro dos interesses dos alunos e ao encontro dos interesses também dos professores e funcionários". Neste sentido, refere que "houve uma proposta do Conselho Directivo junto da Reitoria, que inicialmente foi acatada" mas que depois, "talvez por questões financeiras resultantes fundamentalmente das dificuldades do governo em poder disponibilizar recursos, não pôde ser atendida". Porém, esclarece que entende que dispender recursos agora para a construção de um pré–fabricado "seria tirar recursos de um outro local que para nós nos interessa que seja construído o mais rapidamente possível".

Por seu lado, Seabra Santos revoga determinantemente esta possibilidade, referindo que apenas viria prejudicar a atribuição de verbas para a construção de uma faculdade de raíz, o que seria pôr em causa uma solução definitiva em prol de uma temporária. Além do mais, e segundo afirma, foi uma decisão conjunta do Conselho Directivo da FCDEF e da Reitoria apostar numa decisão final e não numa decisão intermediária.

Editorial

Sergio Alves

Não é, definitivamente, todos os dias que se proporciona a um jornal abordar um assunto da natureza daquele que nesta edição abordamos, da forma como abordamos. E isto porque o tratamento de uma questão com as implicações óbvias que uma peça jornalística da natureza do artigo que nesta edição publicamos sobre a Faculdade de Ciências do Desporto implica necessariamente uma ponderação fria e consciente, na qual deverá estar sempre presente e subjacente a ideia que o seu levantamento deve atender e estar dependente de um conjunto de pressupostos inalienáveis. Não é, como nunca foi, intenção deste jornal publicar aquilo que de alguma forma possa colocar em causa ou melindrar em última instância o nome de pessoas ou instituições sem que estejam cumpridos esses pressupostos. De acordo com os princípios a que jamais renunciamos, essa é uma condição sine qua non para que tratemos no Jornal A CABRA questões desta sensibilidade, para que tenhamos a certeza de estar a contribuir para o seu esclarecimento e não a alimentar qualquer tipo de polémicas infundadas ou a proceder ao levantamento cego de falsas questões.

E é precisamente por isso que o artigo que hoje damos a conhecer é o epílogo de um processo iniciado em Junho deste ano. É o resultado de um intenso trabalho de investigação, reunião de factos e de reflexão sobre a legitimidade da sua concretização e a natureza das implicações que poderá eventualmente vir a ter, assumindo–as por inteiro. É a fria conclusão que desse trabalho resultaram, objectivamente, dados que nos levam a considerar legitima e em certa medida obrigatória a sua publicação.

Quando convidado a comentar as graves declarações que este artigo dá a conhecer, e que vão no sentido de acusar o Conselho Directivo da Faculdade de Ciências do Desporto e o seu presidente Paulo Coelho de situações que, no mínimo, não deveriam ser consideradas "normais" numa instituição como a Universidade de Coimbra, este opta por se escusar a comentar as acusações, deixando a entender que A CABRA mais não faz com esta peça jornalística do que "ressuscitar um morto".

Ressalvando sempre a possibilidade de errarmos ao avaliar as situações e consequentes decisões que possamos tomar, não nos parece que se possa considerar de, forma alguma, "morta" ou sequer "moribunda" uma questão como aquela que agora entendemos lidar. Porque jamais renunciaremos à nossa consciência crítica, não podemos ficar de forma alguma indiferentes a acusações de desrespeitos pelos direitos das pessoas, de falta de democracia, de perseguições ou da existência de um regime de coação num espaço que, afinal de contas, por se tratar de um espaço comum, é também o nosso espaço. Quando nos deparamos com pessoas com medo de falar sobre estas questões, com pessoas que soluçam ao falar sobre o assunto, com pessoas que nos relatam um rol de situações absolutamente impensáveis num regime democrático e plural, cumpre–nos concluir, objectivamente, que a Faculdade de Ciências do Desporto merece a nossa atenção no sentido de procurarmos, na medida do possível e dentro das nossas capacidades, esclarecer o que de facto se passa, mantendo a imparcialidade e o distanciamento dos quais jamais abdicaremos.

Nesse sentido, mais não resta fazer do que considerar esta questão bem "viva", assumindo o compromisso de tentar, uma vez mais na medida das nossas possibilidades, esclarecer os factos que agora damos conta.

Luta estudantil nas ruas de Lisboa

Contra os "cortes", marchar, marchar!

Com o novo Orçamento de Estado (OE) e os consequentes cortes no financiamento do Ensino Superior, os estudantes decidiram manifestar–se em defesa dos seus direitos desfilando pelas ruas da capital.

Anselmo Câmara
Gustavo Sampaio

Cerca de 3000 estudantes manifestaram-se em Lisboa

A actual conjuntura da política educativa governamental, baseada em sucessivos cortes orçamentais que põem em causa o normal funcionamento das universidades, suscitou uma onda de protestos no seio da comunidade estudantil. Várias foram as medidas acordadas nas assembleias magnas, realizadas nos passados dias 23 de Outubro e 8 de Novembro, com o intuito de realizar "mais e maiores protestos" contra a irresponsabilidade deste governo em matéria de educação.

A 23 de Outubro é convocada a primeira Assembleia Magna do presente ano lectivo, realizada no Teatro Académico de Gil Vicente, para discutir as formas de protesto dos estudantes perante a reinante falta de condições das nossas faculdades. Com uma significativa adesão dos estudantes, esta assembleia deliberou como primeira forma de protesto: um atraso simbólico de 5 minutos, referente aos 5% do corte orçamental educativo, da Serenata da Latada; a presença constante de mensagens reivindicativas no decorrer da Latada; acréscimo de protestos, sátira e crítica social em torno da matéria educativa ao longo do cortejo; decretamento de luto académico. Deliberou igualmente o agendamento de um protesto público, ironicamente denominado de "Ma(u)g(o)usto", com concentração junto da Porta Férrea ao longo do dia 8 de Novembro. Este protesto contou com a participação de vários núcleos estudantis e até de alguns professores que se mostraram solidários com a causa. Reunidos ao longo da tarde em frente à Faculdade de Letras, os estudantes "cortaram" as castanhas e foram entregá–las ao Governo Civil de Coimbra. Finalizando, foi deliberada igualmente a realização de nova Assembleia Magna visando o empenho conjunto com outras associações académicas do país para um protesto nacional previamente acordado para o dia 14 de Novembro em Lisboa.

"Mais e maiores contestações"

A segunda Assembleia Magna decorreu por sua vez no Teatro Paulo Quintela, espaço que se mostrou demasiado pequeno para o elevado número de estudantes presentes. Como muitos não tinham lugar para se sentar, por iniciativa do presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Humberto Martins, todos assistiram ao decorrer da assembleia de pé num vibrante gesto de solidariedade.

Numa fase inicial predominantemente informativa, patenteada pela intervenção de Humberto Martins, fez–se um balanço claramente positivo sobre a manifestação que decorrera ao longo da tarde, fundamentou–se o abaixo–assinado que circulou pelos estudantes no decorrer da mesma semana e discutiu–se a actual política orçamental e os problemas subjacentes. Seguiu–se um período destinado ao elaboramento de estratégias e acções a desenvolver no âmbito de uma luta de cariz nacional. Foi acordada uma concentração de iniciativas a nível nacional com ênfase na acção nacional de protesto marcada para o dia 14 de Novembro à porta da Assembleia da República, em Lisboa.

Com um corte orçamental três vezes mais acentuado do que em qualquer outra instituição pública, o ensino superior encaminha–se para a ruptura total. As queixas amontoam–se, desde a inexistência de aulas práticas ao sobrelotamento das salas de aula e escassez de infraestruturas. Vários estudantes insurgiram–se ao longo da assembleia com propostas de formas de protesto a desenvolver e a própria DG/AAC apresentou as suas propostas. Assim, sob a designação "Mais cortes na Educação! Vais calar? Ou dizer não?" e "Mais e maiores contestações", a DG/AAC viu aprovada por maioria estas suas duas iniciativas de luta contra a política educativa que englobavam acções concretas como o congelamento das receitas provenientes das propinas e a abertura de uma conta de solidariedade para a Universidade de Coimbra, em tom claramente satírico. Aprovaram–se igualmente as seguintes propostas: de Ricardo Leite, para a realização de uma Assembleia Magna em frente à Assembleia da República e a elaboração de um OE por parte dos estudantes; de Dominique Cross, estudante da Faculdade de Letras, para encerrar o edifício da AAC no dia 14, com todos os seus núcleos e actividades lá decorrentes; de Adeodato Pinto, com dois pontos distintos, sendo o primeiro o encerramento da Universidade de Coimbra a partir do dia 30 de Novembro por tempo indeterminado e o segundo ponto a elaboração de um plano estratégico para a educação. A única proposta chumbada foi da autoria de Sérgio Gamboa, estudante de Bioquímica, que consistia na elaboração conjunta com os grupos parlamentares da denominada "Lei do Governo elegível".

Todos a Lisboa

O elucidativo lema desta odisseia idealista foi levado à letra. Por volta das 11 da manhã de 14 de Novembro mais de um milhar de estudantes da Universidade de Coimbra concentrou–se na Largo D.Dinis para o início de uma jornada histórica. Seguiram em autocarros para a estação ferroviária de Coimbra B onde muitos outros já aguardavam com grande entusiasmo a partida. O espírito académico nunca esteve tão presente fazendo relembrar tempos distantes de grandes manifestações estudantis que abalaram o poder vigente. E assim partiu o "Comboio da Educação" rumo à capital. A coluna de alunos, entretanto reforçada por colegas do resto do país, alinhou–se em frente à estação de Sta. Apolónia onde iniciou uma marcha triunfal que culminou na Assembleia da República.

Escoltados pela polícia, os estudantes caminharam pelas ruas de Lisboa com efusivo entusiasmo entoando cânticos e levantando faixas com mensagens de protesto. "Acção, acção social não existe em Portugal" ou "Estudantes unidos, jamais serão vencidos" foram algumas das frases gritadas pelos manifestantes. Nas faixas podiam ser lidas mensagens como "400 mc em submarinos e nem uma bóia para a educação" ou "Deixa–te de merdas Guterres". À porta da Assembleia da República os gritos de protesto subiram de tom. Foi o ponto alto da manifestação em que os estudantes ergueram bem alto simbólicos cartões amarelos com os quais chumbaram o OE entretanto aprovado na realidade. Tudo isto sob o olhar atento da Polícia de Segurança Pública e dos numerosos jornalistas presentes nas escadas da assembleia. Do lado de dentro nem um sinal. Apenas uma excepção, o deputado comunista Bernardino Soares que foi demonstrar o seu apoio junto dos estudantes. De realçar um incidente com manifestantes do Bloco de Esquerda que se juntaram à manifestação erguendo faixas de teor político. Foi–lhes pedido que retirassem a faixa mas os bloquistas insistiram no direito de se manifestarem livremente. A manifestação foi um sucesso contra todas as expectativas mais pessimistas. De todas as associações que se fizeram representar, a de Coimbra foi a que compareceu em maior número.

Após as manifestações contra a provável votação positiva do OE e tendo sido aprovado o encerramento da Universidade de Coimbra em Assembleia Magna, esperam–se as consequências e o impacto que este acto terá na opinião pública e na própria vida da cidade dos estudantes.

Os estudantes de fraque

Estudantes presentes na inauguração do remodelado Mercado D. Pedro V

Tiago Azevedo

A inauguração do Mercado Municipal D. Pedro V após as obras de melhoramento, que decorreu no dia 17 do corrente mês, contou com a presença do presidente da autarquia Manuel Machado e do primeiro ministro António Guterres, tendo sido aproveitada pelos estudantes de Coimbra para mais uma manifestação relativamente aos cortes no Orçamento de Estado que afectaram directamente a Universidade de Coimbra.

Desta vez, os estudantes, aproveitando uma das raras vindas do primeiro ministro a Coimbra, optaram por um protesto simbólico vestindo-se como cobradores de fraque (todos vestidos de preto, com cartola e pasta da mesma cor)e seguindo sempre de perto António Guterres durante o seu percurso por dentro do Mercado Municipal, não lhe concedendo espaço algum. Este tipo de manifestação, nas palavras de Humberto Martins, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), "é um acto de simbolismo que pretende fazer passar uma mensagem importante e demonstrar que os estudantes não desistem, vão sempre marcar presença e, sempre que possível, contestar".

Esta contestação partiu de uma iniciativa da DG/AAC e foi levada a cabo por oito estudantes, entre os quais estiveram presentes Humberto Martins e os dois candidatos à DG/AAC nas próximas eleições, João Oliveira e Vítor Hugo Salgado, "não havendo maior adesão por parte dos estudantes devido à inauguração se ter realizado num sábado, dia em que Coimbra tem menos estudantes".

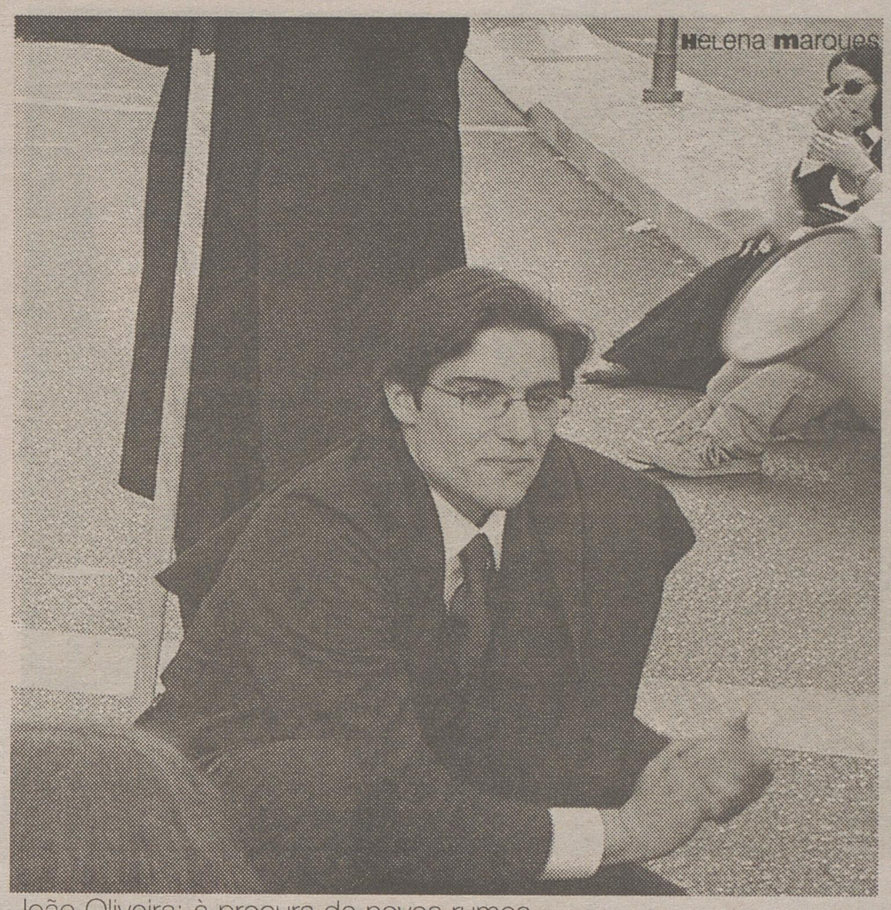
As pastas que os "cobradores de fraque" levavam estavam forradas com reivindicações dirigidas ao governo, centrando–se maioritariamente na dívida que o governo tem para com a Universidade de Coimbra, chegando mesmo a ser entregue uma pasta a António Guterres com o real valor desta dívida. Como salientou Humberto Martins, "os estudantes estarão sempre atrás dos responsáveis pela situação em que se encontra neste momento a educação no nosso país e em particular na nossa universidade", demonstrando deste modo que vão estar sempre a cobrar a este governo aquilo que tem prometido sobre a educação.

Limpa–se o pó às urnas, distribuem–se os panfletos

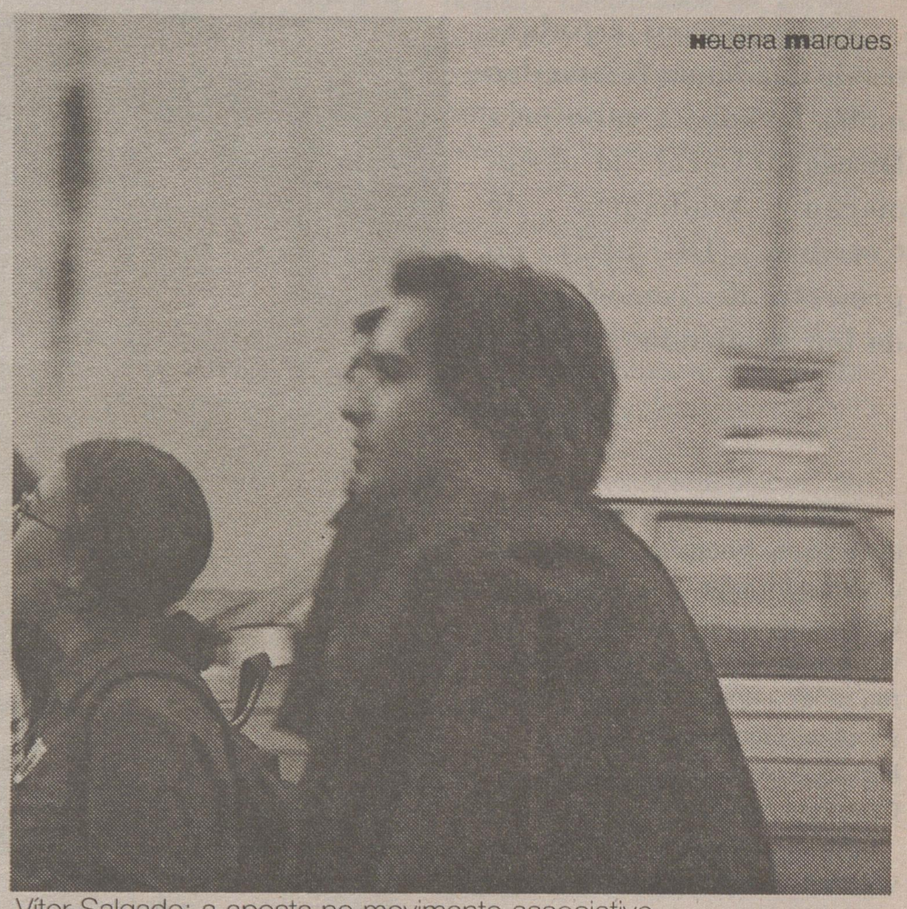
Academia escolhe

Com mais um processo eleitoral à porta, os candidatos apresentam as suas propostas. Desejam–se eleições pacíficas e participadas.

Helena Marques
Mario Guerreiro



João Oliveira: à procura de novos rumos



Vitor Salgado: a aposta no movimento associativo

Os sócios da Associação Académica de Coimbra (AAC), nos dias 28 e 29 de Novembro, irão decidir sobre os órgaos dirigentes da Padre António Vieira.

Candidatam–se duas listas à Direcção Geral (DG) e outra exclusivamente ao Conselho Fiscal (CF). Uma encabeçada por João Oliveira, Lista W, e outra por Vítor Hugo Salgado, Lista X. Pedro Costa está à frente da Lista D.

Humberto Martins, o presidente cessante, em entrevista ao Jornal Universitário, entende que a "missão" do candidato não deve ser unicamente "dirigir, mas acima de tudo interpretar e aperceber–se dos problemas dos estudantes e servir de megafone às carências dos mesmos". Considera profícuas as diligências levadas a cabo pela sua equipa. Contudo, reconhece as lacunas ainda existentes em todo o sistema de ensino e espera continuidade no esforço e empenho por parte do futuro dirigente, em as resolver.

"É imperativo contrariar–se o ciclo vigente do movimento"

"Excede–te" é o slogan da Lista X, que apresenta como candidato à presidência da DG/AAC, Vítor Hugo Salgado. São dois os pressupostos vitais para a candidatura. "O conhecimento que algumas das pessoas da lista têm sobre a AAC" permitirá a criação de um conjunto de propostas coerentes e exequíveis, bem como a "optimização de tempo".

O actual contexto do movimento associativo estudantil é uma das preocupações de Salgado. "É imperativo contrariar–se o ciclo vigente do movimento, e entrar–se num contra–ciclo", por sua vez "proporcionará uma continuidade que irá resultar numa melhor preparação deste movimento durante o ano".

Outro objectivo passa pela resolução do problema do afastamento existente entre a AAC e faculdades. "Tentaremos levar a AAC às faculdades, através de uma relação mais estreita com os núcleos" que "passará pela concretização de actividades conjuntas nas próprias faculdades".

A reestruturação do edifício da AAC é outra das prioridades do candidato. "Destaca–se desde já a necessidade de criar um centro de informação, um novo mini - auditório, e a alteração da estrutura da sala de estudo".

Considera importante tomar posições em relação a todos os órgãos e entidades oficiais que se relacionam com a AAC.

Assim "é preciso que a próxima DG/AAC tenha propostas concretas em relação ao Governo, Câmara Municipal de Coimbra (CMC) e reitoria. O ensino superior continua a ser preterido por parte do Governo ,o que "não deveria acontecer". Propõe então que "a Universidade de Coimbra (UC) ou uma entidade credível, efectuem um estudo estatístico" referencial do "verdadeiro enquadramento dos alunos da UC no mercado de trabalho".

Salgado defende uma tomada de posição em relação à CMC, que não tem dado o apoio devido à AAC". Dada a importância das actividades da AAC realizadas na cidade a "DG deverá estabelecer um protocolo com a CMC que contemple o apoio directo a todos os órgãos e secções da casa".

Relativamente à reitoria entende que "se deve pressionar em Senado a uniformizar as questões de avaliação e alargar a avaliação pedagógica (que neste momento é praticada apenas na faculdade de Economia) a todas as faculdades".

Em relação ao acto de escrutínio na Faculdade de Letras que tanto deu que falar o ano passado, Salgado afirma que gostaria que os alunos dessa instituição tivessem a oportunidade de votar na sua própria faculdade, mas relembra que "não é um candidato que tem de decidir sobre tal assunto, mas sim a CE". "O que for decidido pela CE, será cumprido".

"Novos rumos necessitam ser traçados"

A lista W, com o lema "Mais Academia, Melhor Educação", apresenta como candidato ao cargo de Presidente da DG/AAC, João Oliveira.

O candidato baseia as suas propostas na "identificação da principal preocupação actual" - o estado do ensino superior. "Temos o ensino superior entregue à sua própria sorte", resultado da "desresponsabilização completa do Estado", acrescenta. Assim, "novos rumos necessitam ser traçados, que englobem "as acções a tomar futura e presentemente".

Segundo o mesmo, "o futuro não é risonho", e a urgência das soluções é por demais evidente até porque o ensino superior é a base do desenvolvimento de qualquer país". João Oliveira refere que "a próxima DG/AAC terá de possuir uma grande capacidade para lidar com a situação actual".

E aponta que a solução "só será possível com um grande esforço de informação e participação dos estudantes nas políticas". Para o candidato, "esta passará em concreto pela articulação que tem de existir entre DG e Núcleos de Estudantes" através do Conselho Inter–Núcleos. Uma nova postura da futura DG será ao nível da relação Coimbra/AAC. De acordo com João Oliveira, duas questões devem ser analisadas neste tema: o alojamento e a cultura. A solução passará "por pressionar as actividades competentes e por empregar ao certificado de habitabilidade uma nova dinâmica e política". Para o candidato, o certificado afigura–se como "a arma ideal para se combater esta situação".

Em relação à segunda questão, o candidato reforça a ideia de "desresponsabilização da CMC em relação à cultura", devido ao facto da AAC "suportar a vida cultural da cidade". Assim, Oliveira defende que é necessário que a CMC tome uma posição definitiva em relação a este assunto, "ou reconhece a AAC como entidade responsável pela cultura da cidade, e apoia as secções". Ou "a CMC entende ser igualmente responsável e tenta criar condições e apoios", para uma coexistência entre a AAC e a CMC neste capítulo. Para o candidato, "uma das oportunidades que não devemos perder é a reestruturação do edifício da AAC, no âmbito do Coimbra Capital da Cultura". "Tal acção serviria para ver reconhecida a importância da AAC para a cidade".

Em relação à votação na Faculdade de Letras, o candidato defende a realização da votação num espaço condigno. Mas também adianta que "é da responsabilidade da CE tomar a decisão em relação a este assunto", embora revele esperança que o Conselho Directivo proporcione aos alunos as condições ideais para o exercício do seu poder de voto. Por uma questão de igualdade "se não houver condições para a votação na Faculdade de Letras as urnas devem passar para o edifício da AAC".

A excepção fiscal

Pela primeira vez na história da AAC, surge uma lista exclusivamente candidata ao CF.

Pedro Costa é o candidato a presidente do CF, pela Lista D. "Porque fiscalizar é preciso" é o lema. Desde 1997, quando se fez a alteração de estatutos deliberou–se que as listas deveriam passar a ser eleitas separadamente pelo método de Hondt "o que acontece é que as listas acabam sempre por concorrer com a mesma letra das listas concorrentes à DG e à Mesa da Assembleia Magna (AM). Pretendem a isenção e a separação deste orgão em relação aos outros, de acordo com o estabelecido. "O CF sempre foi tratado como um órgão secundário durante todo este tempo. Não se vê uma campanha para o CF, como para a DG e para a AM". Daí a campanha passar por um esclarecimento acerca da função deste órgão.

O processo eleitoral

"Em relação a este ano, obviamente, que luto e faço questão que a AAC tenha um processo eleitoral com muito maior dignidade, com mais participação que é esse o principal objectivo.", afirma Humberto Martins. Para este ano, o ainda presidente, espera que sejam encontradas "soluções práticas, pacificadoras, calmas" no sentido de evitar polémicas como as do ano anterior, já que, "infelizmente, é uma mágoa" que leva dos mandatos em que foi presidente. "Muito custa ter que ouvir tremendas injustiças e calúnias ao mais baixo nível" por parte de uma lista, também ela candidata

A presidente da Comissão Eleitoral (CE), Nélia Gouveia, espera "que este ano nada se repita." No entanto, afirma estar preocupada com os acontecimentos que ocorreram no ano transacto.

Neste séquito, a CE já enviou cartas a todos os departamentos e faculdades no sentido de reservar salas para os dias de votação. Sobre a responsabilidade das funções que irá desempenhar, Nélia Gouveia, irá assumir uma "postura de total imparcialidade". Relativamente aos locais de voto "por príncipio nunca serão nos atrios das faculdades e departamentos, mas aguarde pela discussão com as listas em reunião de CE". A presidente da CE espera também que o processo eleitoral deste ano "decorra dentro da maior normalidade e dignidade, que se respeitem e tentem discutir projectos e não discutir quezílias pessoais porque isso não dignifica em nada o bom nome da Academia."

O bar da AAC: um novo presente

Renovar para aproximar

Aproximar os estudantes da academia foi um dos motes levados a cabo pela Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) no projecto de remodelação do bar académico.

Cláudia Rodrigues
Sara Martins

O bar no seu formato renovado

"Mudam–se os tempos, mudam–se as vontades"! O bar da associação não foi excepção e apresentou–se este ano com novas vestes. A CABRA foi para a rua saber a opinião dos estudantes sobre a remodelação ocorrida no bar da Associação Académica de Coimbra(AAC).

As informações recolhidas revelaram–se heterogéneas. Se, por um lado, há estudantes que apoiam a mudança, outros há que a criticam severamente.Teresa Sevivas, frequentadora do bar há, aproximadamente, quatro anos, diz não gostar da nova vertente comercial imposta:" antes tinha mais espírito de associação, agora tournou–se numa espécie de bar nocturno onde o volume da música impele para que as pessoas precisem de gritar para se fazerem ouvir".Também Afonso Simões, outro assiduo cliente daquele espaço, afirma:"o bar está inadequado com o edifício e apresenta-se de forma pretenciosa "isto porque, na sua opinião deveria apelar a um "universo abrangente, neutro e simples". Por outro lado, Ana Nunes, que passou a frequentar mais vezes a academia desde a renovação do bar, diz preferir a actual decoração e ambiente, dando relevância às ocasionais animações que lá se realizam.Interrogado sobre o assunto,o Sr. Coelho, funcionário efectivo do bar desde 1988, afirma não ser contra a mudança,mas achava o ambiente antigo mais sadio: "está–se a caminhar para um atentado à academia e aos próprios funcionários". Queixa–se de pressões, e lamenta o facto de a nova gerência o ter proibido de gritar a célebre frase:"tosta mista" que, para seu grande orgulho, foi eternizada numa peça de teatro. Quanto à Direcção Geral da AAC (DG/AAC), apresentou–nos os motivos que levaram à mudança. O administrador, Pedro Rocha, colocou sobre a mesa duas razões: a saída do antigo concessionário e a necessidade de remodelação devido às deficientes condições. No início de Março começaram a chegar propostas à DG/AAC e o processo de selecção durou cerca de dois meses. Os critérios que regeram a eleição de uma das várias propostas, basearam–se, segundo Pedro Rocha no "melhor para a academia". Com este novo empreendimento, a DG/AAC objectiva criar um espaço de programação cultural, nomeadamente exposições e actuações de tunas de forma a chamar mais estudantes à academia. Em resposta a críticas como as do estudante Filipe Tavares, que prevê uma mudança de ambiente que conduzirá a uma indistinção entre o bar da AAC e qualquer outro estabelecimento comercial do género, irá ser recolocada uma placa com o objectivo de restringir a entrada no edifício apenas aos sócios da academia. Todo o projecto, incluindo a parte decorativa, foi idealizado pela DG/AAC, e posteriormente enquadrado nas expectativas da nova gerência.Confrontado com as queixas de alguns dos estudantes inquiridos, o actual administrador da DG/AAC, responde, algo surpreendido, não ver problema no facto de um bar académico oferecer animação nocturna. Esta situação lança–nos para o problema da proximidade do bar com o local de ensaios/espéctaculos dos grupos teatrais académicos, problema esse que foi em parte solucionado pela DG/AAC, através de "controlo de excessos, um horário contornado e diminuição do volume da música" especificamente nos dias em que ocorrem espectáculos. Como diz o antigo provérbio o bar não agradou a "gregos e a troianos", mas, todos os dias enche–se de estudantes, uns mais insatisfeitos do que outros com este novo rosto, sempre pronto a recebê–los e a celebrar as inovações.

Ano novo, jardim novo

Remodelação do jardim da AAC pronta até final de Dezembro

Silvia Matos

O jardim da AAC começa o ano com erva fresca

O jardim da Associação Académica de Coimbra (AAC) vai ser alvo de um projecto de remodelação. Um sistema de rega automático, um novo relvado, ou ainda a restauração do lago são algumas das alterações previstas.

Um dos espaços preferidos dos estudantes está neste momento a ficar bastante degradado, com má imagem. Foi neste sentido que a Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) decidiu restaurar o seu jardim, proporcionando desta forma um local agradável aos estudantes, "que os convide a vir cá, a vir frequentar o jardim, pois agora ele não apela muito a isso", afirma Janet Silva, membro da DG/AAC.

Mas quem espera uma transformação radical do espaço, desiluda–se. A actual estrutura vai manter–se, segundo Ruben Heleno, também membro da Direcção Geral, "as escadas, os canteiros, as árvores, ficará tudo na mesma; até porque o jardim é histórico e toda a gente gosta dele".

A grande alteração será a nível do relvado, toda a terra vai ser revolvida. Vai ter uma sementeira completamente nova de relva, mas antes disso vão ser colocados os tubos para um sistema de rega automático, porque na opinião dos mentores do projecto "a grande causa do jardim estar neste estado é o facto de não ter um sistema de rega eficiente, estes anos todos a rega tem sido feita à mão, esperamos assim que ele se conserve com um aspecto bonito por muitos mais anos". O jardim vai ser recuperado, a parte do relvado vai ser completamente revolvida, mas isso não significa que esse espaço, depois de arranjado, deixe de ser usado para as mais diversas actividades, a passagem no local não vai estar impedida durante as obras.

Também o lago vai ser objecto de intervenção: vai ser limpo "as pessoas passam lá e se calhar nem vêem o lago com tanta cana que está lá dentro", terá nenúfares e está ainda a estudar–se a hipótese de haver uma cascata, nada de exuberante, servirá apenas para a água circular.

Ruben Heleno adianta ainda que vão ser colocados alguns adornos, como por exemplo um candeeiro no meio, a iluminar o painel de azulejos, painel esse que talvez passe despercebido; os bancos vão ser pintados e as tábuas que estão partidas vão ser substituídas. "Tínhamos várias opções, optámos pela intervenção de fundo", confessa. Quanto a plantas, haverá um canteiro a ilustrar o símbolo da AAC, em flores brancas.

As árvores existentes no jardim vão passar a estar identificadas, para tal "tivemos a colaboração do professor de Botânica, Jorge Paiva, que nos ajudou a identificar todas as espécies"; nas árvores vão ser colocadas umas plaquinhas com o nome científico e o comum de cada uma delas, bem como frases com curiosidades sobre algumas.

A Baga–de–pomba, a Jacarandá, a Estrelícia, a Buganvília, o Ligustro ou a Sevadilha, são algumas das espécies bastante raras que este espaço engloba, estando outras em vias de extinção, facto talvez desconhecido pela maior parte das pessoas. Exemplo disso é o Carvalho–alvarinho, a árvore que está na esplanada, "temos uma Ginkgo Biloba, que já teve quase extinta e depois descobriram duas ou três num vale, na China, estando agora fora de perigo", comentam em jeito de curiosidade.

Esta é a primeira remodelação dos jardins da AAC, pelo menos nestes moldes. A obra está a cargo de uma empresa de jardinagem, de reconstrução de jardins. Está previsto que os trabalhos comecem já no fim deste mês, e se tudo correr bem, o novo jardim estará pronto até ao fim de Dezembro, com inauguração marcada para o início do ano, assim que os estudantes regressem de férias.

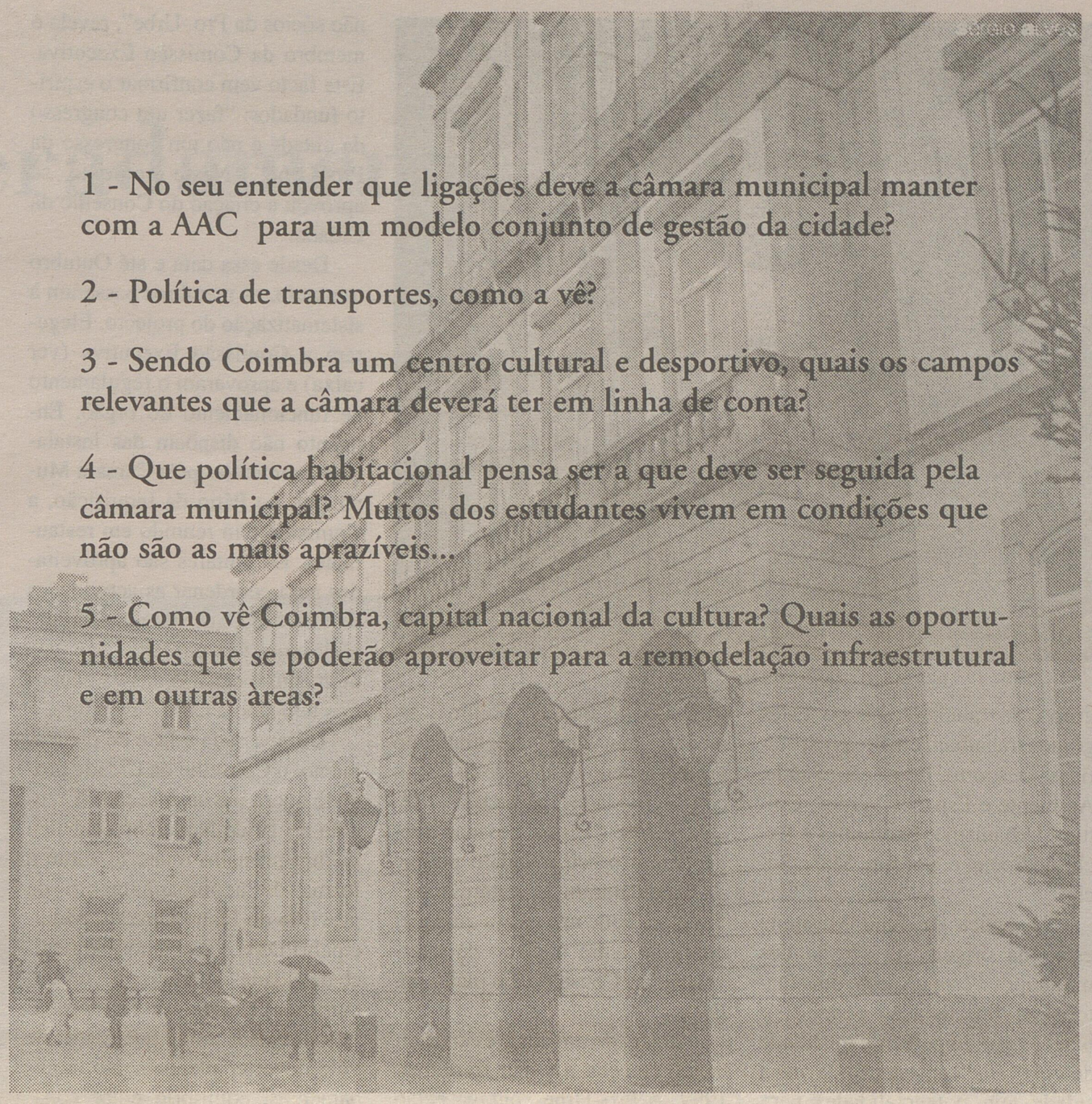
As principais dificuldades que este projecto enfrenta, são a nível financeiro. À espera de resposta por parte de algumas entidades, têm até agora disponível uma verba por parte da Câmara Municipal de Coimbra; o outro problema foi arranjar uma empresa que fizesse o orçamento.

Dificuldades à parte, espera–se com esta iniciativa conseguir um espaço convidativo, agradável, onde se possa estudar, conviver ou simplesmente relaxar. "Vai ser uma pequena surpresa para os estudantes", garante Janet Silva.

Candidatos autárquicos explicam propostas

Unir esforços com a AAC

Com as eleições autárquicas à porta, a 16 de Dezembro, a A CABRA foi falar com os diversos candidatos à Câmara Municipal de Coimbra. As diferentes propostas apontam para a necessidade de uma reunião de esforços e para o aproveitamento do saber acumulado da Academia.



1 - No seu entender que ligações deve a câmara municipal manter com a AAC para um modelo conjunto de gestão da cidade?

2 - Política de transportes, como a vê?

3 - Sendo Coimbra um centro cultural e desportivo, quais os campos relevantes que a câmara deverá ter em linha de conta?

4 - Que política habitacional pensa ser a que deve ser seguida pela câmara municipal? Muitos dos estudantes vivem em condições que não são as mais aprazíveis...

5 - Como vê Coimbra, capital nacional da cultura? Quais as oportunidades que se poderão aproveitar para a remodelação infraestrutural e em outras àreas?

Jorge Gouveia Monteiro
candidato da CDU

1 - Sobretudo na produção cultural e desportiva são impressionantes as potencialidades existentes.

Existe uma força criativa de massas importante e centrada na cidade que deve ser aproveitada. Designadamente em cultura e desporto.

2 - Estamos contra o "esventramento" da Praça da República para o estacionamento subterrâneo. Em relação à Largo D. Dinis, o projecto não aumenta os lugares uma vez que vai substituir outros que deixaram de existir.

3 - É necessário que a câmara faça inteligentemente uma programação com a Universidade de Coimbra (UC), tirando o máximo partido da força cultural da Associação Académica de Coimbra (AAC). Os organismos autónomos poderiam fazer excelentes formações com colectividades da cidade e ter uma itenerância para criar públicos no concelho.

Os projectos exigem da câmara uma nova cultura de relacionamento, de partilha de poder com a UC e com a Academia.

4 - Falta uma política habitacional para Coimbra, existindo uma "exploração" dos estudantes. Tornou–se um negócio rentável arrendar quartos.

Manuel Machado há quatro anos teve o programa de habitação para jovens no centro histórico, mas nunca fez nada em relação ao mesmo.

Estando a câmara de "costas voltadas", a UC não pode estar a fazer no centro histórico a recuperação de imóveis.

5 - Temos em linha de conta que a AAC tem projectos importantes, como o de Santa Cruz. É uma zona importante para a cidade, e não apenas para a AAC.

O que tem prevalecido é a ideia absurda de que a "câmara é que manda, e quem quiser tem que cá vir".

Há projectos que Coimbra ao negociar unida, naturalmente tem uma força diferente.

Manuel Machado
candidato do PS

1 - No sistema de transportes e após um levantamento e classificação das dificuldades na mobilidade dos estudantes na cidade, decidimos criar passes de estudante. Temos o apoio às festas académicas em termos de logística e em meios humanos.

2- A eliminação do estacionamento no Pátio das Escolas e o ordenamento na zona envolvente do pólo I da UC é matéria que está a ser concretizada por uma parceria entre a câmara municipal e a Reitoria da UC.

A construção do parque de estacionamento no subsolo da Praça da República, recriará este espaço cívico.

3 - A câmara tem–se empenhado na transformação do espaço desportivo de Santa Cruz, no trabalho decorrente da construção da Ponte Europa para o pólo II da UC ter um acesso adequado e no projecto social de residências para estudantes iniciado na Baixa.

4 - Vamos intervir nos prédios privados e no espaço público, para os dotar de melhores infraestruturas e tornar comportável a circulação pedonal que protegemos em detrimento da circulação automóvel. Queremos proteger o património histórico edificado.

Com a nossa colaboração os jogos da Académica vão poder ser realizados durante as obras do estádio universitário. Um dos objectivos da minha gestão é "construir" uma univer(c)idade.

5 - A estrutura de organização do projecto de Coimbra, capital nacional da cultura tem a sua base em três entidades: Ministério da Cultura, câmara municipal e UC.

Há uma parte de dinheiros públicos para a criação e modernização de infraestruturas. Para o teatro municipal na estação nova, para o espaço de animação multi–usos na estação velha que permitirá acolher actividades da academia quer em termos desportivos, quer culturais.

Alexandre Alves Costa
candidato do BE

1 - A câmara tem desprezado este entendimento e estado de costas voltadas para a U C.

Os estudantes não constituem um potencial eleitorado e logo não existem esforços para se manterem as relações...

Enquanto não houver uma relação entre a UC e a câmara, Coimbra continuará parada no tempo.

2 - Quanto ao projecto da Praça da República teria mais sentido um parque periférico, com um sistema de transportes públicos interligado.

Gostava de sentir como professor da UC a utilidade do meu trabalho para a cidade, e não que os relatórios fossem só lidos por peritos.

Como candidato gostava que houvesse uma ligação mais estreita entre a UC e a câmara municipal.

3 - A nível da cidade nacional da cultura ainda vamos a tempo de aproveitar melhor as oportunidades. Quanto ao Europeu de 2004 o programa já está feito, e considero que a cidade vai ganhar pouco.

4 - A principal indústria de Coimbra é a especulação imobiliária e é necessário estabelecer um equilíbrio.

Na zona da Alta tem de haver uma intervenção profunda, para ser aproveitada por jovens casais e por estudantes.

Os instrumentos legais e económicos têm de ser utilizados na reabilitação da cidade e na melhoria das condições dos estudantes.

5 - Temos de aproveitar essas oportunidades como momentos de financiamento. Coimbra, capital nacional da cultura é importante não só a nível do público, mas sobretudo se se entender as oportunidades.

O investimento no estádio não é de todo aceitável. O nosso modelo de desporto em Coimbra não engloba a sua construção.

Carlos Encarnação,
candidato do PSD / PP / PPM

1 - A UC é uma componente humana fundamental da cidade, possuindo a cidade uma grande massa de estudantes. Portanto a câmara municipal tem de ter uma preocupação especial com eles.

Do ponto de vista institucional a relação da AAC com a câmara municipal tem de ser permanente. Por exemplo, a nível da cultura e do desporto, do ambiente e tempos livres, a nível social da cidade.

2 - O estacionamento no Largo D. Dinis é bem vindo. Resolve problemas de fluxos de trânsito naquela zona. Já se viu que as alternativas oferecidas em termos de transportes não são eficazes.

A futura multiplicação de pólos da universidade tem de ser tida em conta em projectos futuros.

Tem que se planear, que é o que não tem acontecido.

3 - Devia–se conquistar míudos para a prática desportiva, ter presentes as margens norte/esquerda do Mondego onde não há instalações desportivas e construir várias piscinas pela cidade.

Perdeu–se a oportunidade de construir o estádio noutro sítio. Há uma coisa importante a salientar: Não sei quanto vai custar. Numa primeira aproximação chegou–se aos 2,5 milhões de contos e o Governo participava em 25%. Agora numa primeira fase de adjudicação já chegamos aos 8 milhões de contos...

Gostava que a administração actualmente em funções na câmara, me garantisse que é o Governo que paga a conta.

4 - Temos as residências universitárias que têm que aumentar a capacidade de oferta.

A UC e a cidade com outras entidades porventura privadas, devem intervir na recuperação dos edifícios da parte histórica da cidade e que estão em degradação.

5 - Com o Programa Pólis perdeu–se uma oportunidade estratégica. Este deveria ter sido virado para a requalificação urbana do centro histórico da cidade.

Pela minha parte já lancei vários projectos que a nível cultural poderiam consubstanciar uma grande transformação.

Com os projectos existentes mais valia adiar e fazer algo em condições.

Entrevistas realizadas por:
Manuel Eduardo

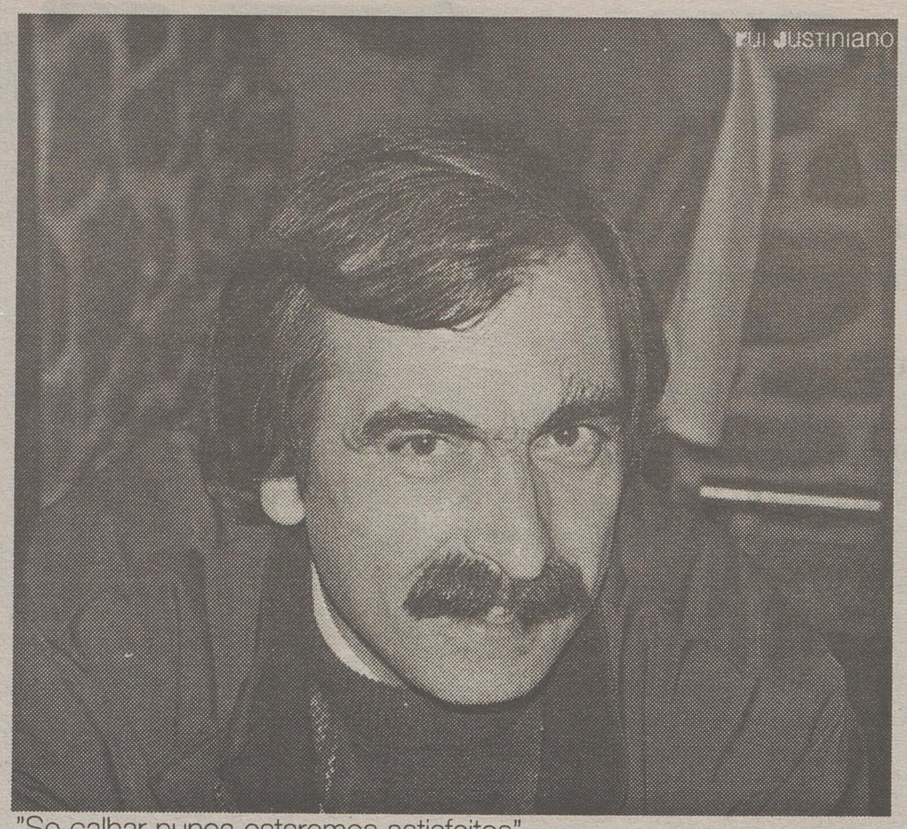
Nota: A redacção da "A Cabra" apesar dos esforços não conseguiu entrar em contacto até ao fecho desta edição, com o candidato pertencente à lista do partido Humanista.

Conselho da Cidade aposta na reflexão sobre Coimbra

Pela qualidade de vida

Reflectir sobre os problemas da cidade, apresentar propostas para a melhoria da qualidade de vida e envolver os cidadãos nestes processos, constituem os três objectivos primordiais do Conselho da Cidade. Este orgão nasceu no âmbito do "Congresso Pela Cidade - Uma Carta Constitucional para Coimbra", decorrido no último fim–de–semana de Maio, sob a égide da Pro–Urbe.

Carolina Ferreira
Sonia Joaquim



"Se calhar nunca estaremos satisfeitos"

"É importante que na vida das cidades esteja consagrado o direito dos munícipes na tomada de decisões, num mecanismo de democracia participativa e não meramente representativa". Com estas palavras João Mesquita, membro da Comissão Executiva do Conselho, sintetiza a ideia fundadora deste espaço onde os cidadãos podem dar voz às suas opiniões, pioneira em Portugal.

O Conselho da Cidade baseia–se numa fórmula tripartida de participantes: por um lado conta com vários movimentos associativos (tais como a Associação Académica de Coimbra e o Teatro Académico de Coimbra); por outro, inclui os cidadãos directamente eleitos no Congresso; engloba ainda os representantes dos oito grupos de trabalho temático. Estes grupos trabalham em áreas específicas: Desporto, Educação, Saúde, Ambiente e Espaços Verdes, Cultura, Urbanismo, Economia e Exclusão Social e, por fim, Mapa Social.

Na óptica de João Mesquita estão na origem da adesão dos munícipes a este projecto dois factores: a "insatisfação perante situações que impedem a qualidade de vida" e a "constatação de que a cidade tem potencialidades para garantir essa qualidade". Assim surge o desejo de intervenção, que se materializa no Conselho da Cidade por voluntariado. Na origem da decisão de se tornar membro não se perfilam "razões materiais nem ambições políticas". Materiais porque está já previsto o pagamento de quotas; políticas na medida em que o regulamento proíbe a acumulação deste cargo com actividades partidárias. Recentemente "várias pessoas suspenderam o seu mandato porque se candidataram às autárquicas". Tudo para que não exista qualquer confusão entre o plano da intervenção no Conselho e o plano político.

A ideia de um congresso da cidade começou a tomar forma em 1999. A Pro–Urbe contava então com quatro anos de existência e concluiu que "havia vantagem em articular o seu discurso, produzido sectorialmente, com outros, tentando produzir um discurso global sobre Coimbra". No Congresso de Maio participou cerca de um milhar de cidadãos, "a maior parte não sócios da Pro–Urbe", revela o membro da Comissão Executiva. Este facto vem confirmar o espírito fundador: "fazer um congresso da cidade e não um congresso da Pro–Urbe". Neste contexto se aprovou a criação do Conselho da Cidade.

Desde essa data e até Outubro transacto, os membros passaram à sistematização do projecto. Elegeram a Comissão Executiva (ver caixa) e aprovaram o regulamento de funcionamento do orgão. Enquanto não dispõem das instalações prometidas pela Câmara Municipal, no Pátio da Inquisição, a Comissão tem reunido em restaurantes. Os jantares são aproveitados para coordenar as actividades do Conselho, que só reúne em plenário uma vez por mês. Até este momento o cenário desses encontros tem sido a Casa da Cultura.

Ultrapassada a fase de planeamento, o Conselho da Cidade promete agora passar à acção. A reunião de 19 de Novembro debateu já "um primeiro relatório sobre a forma de acompanhamento da previsão do Plano Director Municipal (PDM) e do Plano Estratégicb da cidade". A análise destes documentos parte da premissa: "Uma cidade com qualidade de vida deve ter planeamento, equipamentos, equilíbrio entre construções e espaços públicos, e integração da periferia".

Prevista está igualmente a realização de conferências temáticas, incluídas na política de desenvolvimento dos vários grupos de trabalho, de dois em dois anos. Em 2003 Coimbra recebe a primeira. Ainda este mês iniciam–se os preparativos desta e de outras iniciativas, como nomeadamente debates.

Nesta fase de existência, o Conselho da Cidade conta nas suas fileiras com mais de 30 associações e diversas personalidades "com experiências e saberes muito diversificados, algumas de prestígio indiscutível e outras de qualidade técnica reconhecida por todos". Mas para João Mesquita revela–se premente incitar uma cada vez maior adesão dos cidadãos. "Aquilo que queremos fazer é um apelo permanente à participação das pessoas. Se calhar nunca estaremos satisfeitos".

Comissão executiva

Adília Alarcão (Presidente) - directora do Museu Nacional Machado de Castro

João Gabriel Silva - professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e presidente da Assembleia Geral da QUERCUS

Joana Mendes - assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC)

Fátima Carvalho - presidente do Sindicato dos Têxteis do Centro

Luísa Lopes - animadora cultural no Teatro Académico de Gil Vicente e colaboradora da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003

Vital Moreira - professor da FDUC

João Mesquita - jornalista

Coimbra beneficiada pelo PIDDAC

Coimbra contemplada com uma significativa fatia das verbas do PIDDAC. A prioridade parece ser a Linha do Norte.

João Pereira

À semelhança do que tem vindo a acontecer nos anos de governo socialista, o distrito de Coimbra recebeu uma verba considerável no âmbito do Programa de Investimento e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC), da qual o concelho de Coimbra arrecadou a mais considerável fatia. Assim, dos 218 milhões de euros (aproximadamente 44 milhões de contos) que constituem o total do PIDDAC para o ano de 2002, a capital de distrito recebe 82 milhões e meio de euros (cerca de 16,5 milhões de contos).

Na globalidade do distrito os investimentos previstos incidem grandemente no campo das infraestruturas rodoviárias e da saúde. No concelho de Coimbra em particular, a maior verba, que ascende aos 3,2 milhões de contos, vai para a beneficiação da Linha do Norte. Em segundo lugar estão as obras de acessibilidade ao Euro 2004, com 600 mil contos. Seguem–se os 560 mil contos para o Pólo III da Universidade de Coimbra (UC), empreendimento em que se espera investir mais 3 milhões nos próximos anos. Para a conservação e equipamento da UC o PIDDAC prevê uma verba de 200 mil contos. À 2ª fase de ampliação do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra coube a quantia de 151 mil contos, enquanto que às faculdades de desporto e psicologia foram destinados, respectivamente, 25 e 40 mil contos. As obras de ampliação e remodelação da Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto recebem 50 mil contos. São ainda de destacar as quantias de 440 mil contos para o Metro Mondego, de 80 mil contos para o melhoramento das condições de estacionamento no Largo D. Dinis e de 220 mil contos para a construção de uma nova unidade do Hospital Pediátrico de Coimbra. Esta última foi, contudo, alvo de protestos por parte da Comissão de Utentes, que alega a impossibilidade de assim concluir a obra até 2004, tal como estava previsto e tinha sido prometido pela ex–ministra Manuela Arcanjo.

De resto, o montante destinado pelo PIDDAC para Coimbra representa cerca de dez vezes mais do que a quantia atribuída ao concelho da Figueira da Foz (ainda assim um dos mais beneficiados) e quase 1900 vezes mais do que a verba destinada a Pampilhosa da Serra, que não ultrapassa os 44 mil euros (cerca de 8800 contos). Não obstante as diferentes necessidades de cada concelho, não deixam de ser evidentes as assimetrias existentes ao nível do investimento público no distrito.

Ficha Técnica

Director: Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Emanuel Graça **Paginação:** Rui Justiniano, Sérgio Alves **Editores:** Helder Dantas,Maria João Lopes **Redacção:** Adeodato Valente Pinto, Ana Laura, Ângela Neves, Anselmo Câmara, Carolina Ferreira, Cecília Santos, Cristina Rodrigues, Daniel Belo Mendes, Fátima Rachinhas, Gabriela Domingues, Gonçalo Duarte, Helena Marques, Hugo Ferreira, João Gomes, João Pedro Marques, João Vaz, José Carlos Santos, Manuel Eduardo, Márcia Oliveira, Mário Guerreiro, Nuno Curado, Nuno Dias, Diogo Serras, Pedro Correia, Paula Velho, Pedro Ramos, Rui Caniço, Sónia Joaquim, Sílvia Matos, Tiago Azevedo **Colaboradores:** Bruno Ferreira, Cláudia Rodrigues, Eduardo Brito, Filipa Pereira, Gustavo Sampaio, Joana Fialho, João Pereira, Jonas Batista, Jorge Nande, Kossaqui, Liliana Guimarães, Marco Carvalho, Sara Martins, Sónia Nunes **Fotografia:** Hugo Rascão, Jorge Nande **Publicidade:** Pedro Correia: 938630934/ 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Desesperadamente Sós...

Depois de uma semana de festa intensa é altura de parar e pensar. Afinal Coimbra é muito mais que um mero festival de cores onde a euforia ofusca as marcas de uma realidade mais fria e cruel que preferimos ignorar, votar ao esquecimento numa tentativa de ludibriar inquietações tão inconscientemente presentes. Mas a festa acabou... E agora?

Quando a vida perde o sentido

A vida é por vezes ingrata, lança–nos num vazio do qual nem sempre temos força para sair. Os sonhos vão caíndo um a um, e as soluções parecem–nos cada vez menos eficazes. Numa tentativa desesperada de encontrar algo a que nos possamos agarrar deixamo–nos ir numa viagem que muitas vezes não tem retorno, na qual tudo perde o sentido e onde tudo pode acontecer. A droga parece um refúgio, o suicídio uma solução, e a cada passo que damos estamos mais longe do que queremos ser, perdidos num labirinto de decisões que nos ultrapassam... Os dias tornam–se mais longos e a incerteza consome a luz que nos guia, o real torna–se insuportável levando–nos a desejar um mundo só nosso, onde a ilusão se materialize e os sonhos tomem forma! A um passo do abismo soltamos um derradeiro grito, numa última esperança de nos fazermos ouvir... E eis que ecoa uma voz amiga que nos tenta arrancar ao desconhecido, que nos indica o caminho de regresso, invertendo a força cega que nos move e cortando as amarras que nos aprisionam.

A droga apresenta–se como uma solução imediata, uma saída fácil ou a mera satisfação de uma curiosidade inebriante que conduz frequentemente à dependência. Depois de uma primeira experiência outras se seguirão e poucos são aqueles que têm a capacidade de dizer "Basta!" A cada hora que passa mais uma porta se fecha até que o fluir do tempo pára e nos tornamos autómatos, despojados de um querer que permita romper com a rotina.

O toxicodependente é a junção de um jovem, um contexto e uma droga em que o menos importante é a droga... é um véu que oculta todo um conjunto de condicionantes que vêm "justificar" esta situação. Não é apenas uma questão de educação, formação ou valores, mas sim a ligação destes com todo um contexto biopsicossocial. Sem dúvida que as competências e incompetências adquiridas na infância pesam muito na formação de uma personalidade forte. Será legítimo culpar unicamente aqueles que educam? Não será o toxicodependente produto de uma sociedade que procura encher a cabeça para não pensar? De facto, no mundo em que vivemos o ter ultrapassou largamente o ser. "Tenho, logo existo!", "Sou aquilo que tenho!" O desejar deixou de fazer sentido, já que tudo vem parar às nossas mãos quase como que por magia. Perdeu–se a ansiedade, o tempo de espera entre o querer e o ter. As relações interpessoais fragilizaram–se, deixaram de ser essenciais à vida, esqueceram–se os alicerces indispensáveis ao viver em sociedade. Então como se combate a toxicodependência? Combatendo as drogas ou educando as pessoas? A solução passa pelo fim do preconceito de que o toxicodependente é um "doente mental" e pela urgente necessidade de construir uma sociedade onde as emoções de cada um sejam respeitadas e em que as pessoas tomem consciência de que o fim deste flagelo passa por si, não sendo exclusivamente um problema alheio. Devemos ouvir e não escutar... Ver e não apenas olhar... Compreender e não julgar!

Suicídio. Coragem ou cobardia? Fascínio ou obsessão? Espectro final do desespero, isolamento, solidão, abandono... Solução? Não obstante as diferentes opiniões a considerar não há dúvida que este é o ultrapassar da fronteira entre ser e não ser. Perda da esperança, renúncia à luta, apagar da chama... É, de facto, o pico do desespero humano, expressão drástica de um grito em surdina ao qual nunca se há–de dar resposta. Ultrapassando uma possível compreensão racional, marca profundamente os que ficam, nos quais o sentimento de culpa e impotência estará sempre presente. Mas, mais importante do que analisar as consequências é conseguir determinar as causas, perceber os motivos que conduzem cada vez mais jovens à procura desta pseudo–solução. Paralelamente ao suicídio (acto consumado) existe um número cada vez maior de para–suicídios (tentativas falhadas) que podem neste momento ser entendidos como um problema de saúde pública. As causas são muitas, desde a ruptura com o suporte familiar e/ou o grupo de amigos, dificuldades na integração em novos grupos que acartam a solidão e o isolamento ou a perda de familiares ou amigos. Apesar dos motivos se manifestarem, por vezes, em ambos os casos (suicídio e para–suicídio) importa realçar que o suicídio ocorre sobretudo num contexto de depressão, enquanto que o para–suicídio é um sentimento de ambivalência: é um desejo de morrer mas ao mesmo tempo um apelo, uma forma de comunicar que algo não está bem "Olhem para mim, estou a sofrer!". O jovem que se vê envolvido numa crise pessoal agravada apenas vê uma saída que urge alcançar, apenas se guia por um desejo que não é senão a suma expressão do seu desespero. É indispensável alterar esta visão unilateral, criar novos caminhos para quem já se cansou de caminhar. É aqui que temos que ir mais longe, não podemos ficar apenas por um simples "isso passa!", é imprescindível que a nossa atitude seja a de um bom ouvinte que consiga o mais dificíl, isto é, devolver à vida o valor há muito perdido e esperar por um amanhã que nos permita continuar a sonhar...

Ser jovem é ser sem saber que se é, é ter sede do desconhecido, fome de infinito, é embrenhar–se em paixões e conviver com desilusões... Acima de tudo é ter mais olhos que barriga, é não conseguir digerir um mundo de sensações novas que nos apanham de surpresa e que nos lançam num turbilhão hilariante de vida e cor. O fluir do tempo tão inconscientemente presente desperta uma necessidade de saborear a essência das coisas, viver cada minuto com receio que o amanhã não seja suficiente e se torne ausente. O fim apresenta–se como única certeza e, numa tentativa de a ignorar, todos os argumentos são válidos. As emoções estão à flor da pele acarretando consigo um conjunto de relações ocas ou transbordando cores quentes, onde a intensidade dita as leis. A sexualidade, que devia ter por base todo um processo racional do qual resultaria um amadurecimento da personalidade, acaba por ser menosprezada, na medida em que é cada vez mais fruto de um acto irreflectido, pressão de um momento em que se ignoram as possíveis consequências, em que se esquece que mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto. Com o passar do tempo, o amor tem vindo a perder importância em detrimento do sexo, as relações perdem a complexidade e o encanto, resumindo–se a um mero encontro entre dois corpos estranhos e não à união entre duas almas. Subitamente encurralados pelo emergir de um problema, face à ausência de solidez relacional, ignora–se o acontecido como forma de fugir à responsabilidade.

Numa confusão de rostos e aparências devemos procurar algo que espelhe o que somos e não o que temos, é urgente erguer a cabeça e buscar nesses mesmos rostos inquietações comuns... Talvez do mais fundo do abismo em que estamos surja de novo a luz, uma força que nos eleve.

Numa sociedade em que se oprimem emoções, se retraem sentimentos, os corpos separam–se, sacrificam–se as almas que votadas ao esquecimento vagueiam por mundos obscuros, desesperadamente sós...

Textos:

Joana Fialho
João Cortesão
Jonas Batista

Fotografias:

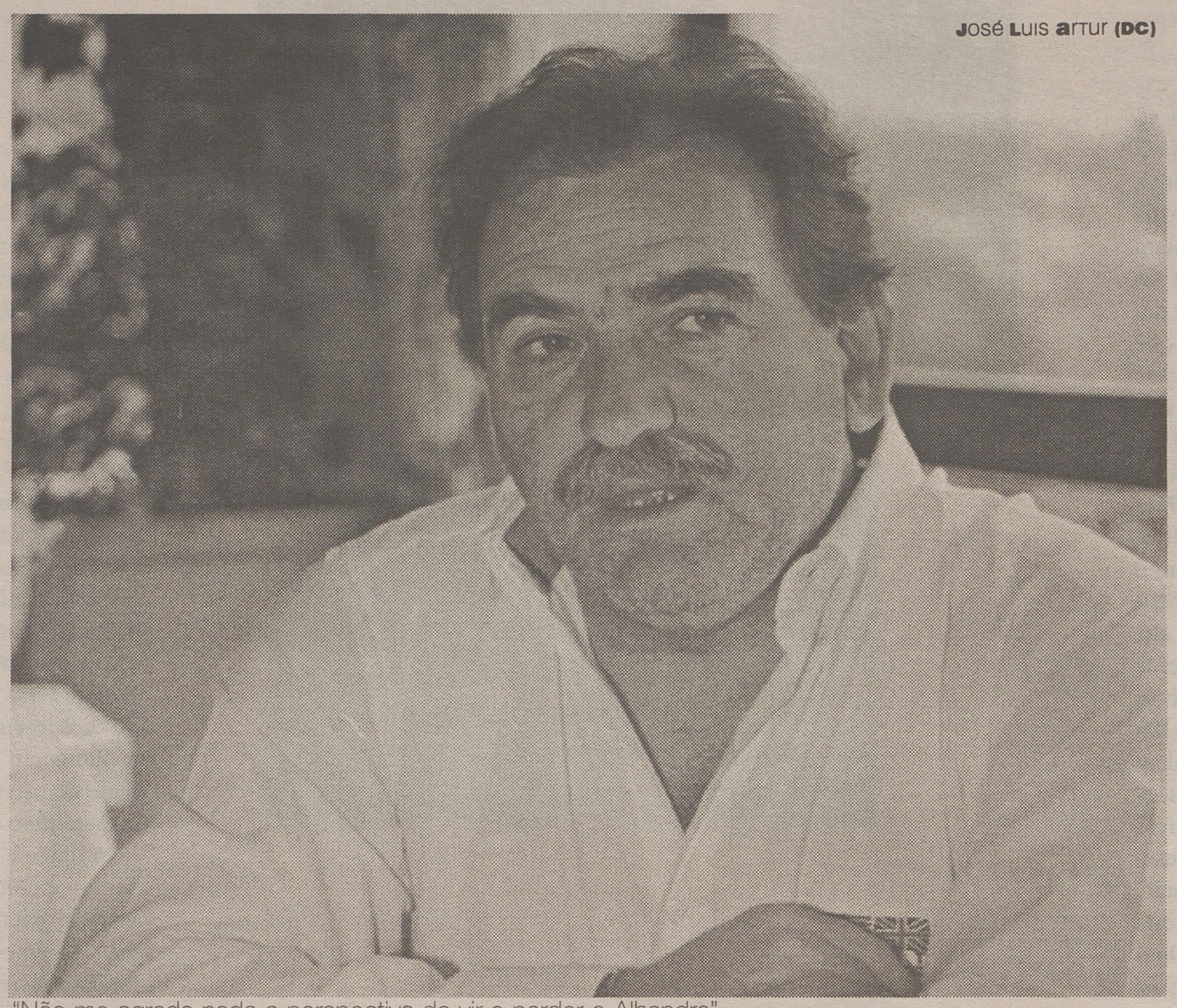
Jorge Nande

O técnico da Briosa fala do ambiente que se vive para os lados do Calhabé

"Acho que esta equipa está no caminho

Oito vitórias, dois empates e uma derrota depois, a Académica deixa Coimbra sonhar com a I Liga. A CABRA falou com João Alves sobre o actual momento da Briosa.

João Pedro Marques
Marco Carvalho



JOSÉ LUIS ARTUR (DC)

"Não me agrada nada a perspectiva de vir a perder o Alhandra".

Com um futebol combativo e elegante e a segunda posição na II Liga, o projecto de João Alves parece começar a dar frutos. Sem euforias e com espírito de sacrifício luta–se pela ascensão à I Liga. E conta–se com o apoio das capas negras.

Esta Académica de que o João Alves é timoneiro é uma Académica para a I Liga?

Eu espero bem que sim. Estamos no caminho certo para a I Liga. O que é fundamental é a equipa manter os índices de confiança, de motivação e de ambição que tem demonstrado. Por outro lado é fundamental que haja estabilidade dentro do clube. Como sabe, nas alturas em que as equipas estão no top os seus jogadores começam a ser mais falados, a serem aumentadas as hipóteses de transferências. Digamos que nos últimos dias isso tem mexido um pouco com a estrutura geral da equipa. Porquê? Porque começam a aparecer notícias com hipóteses de saída de jogadores. Felizmente tivemos o caso do Dário, que renovou o contrato. Mas o nosso trabalho é manter a calma desses jogadores, mantê–los estáveis e motivá–los para trabalhar com aquela humildade que é fundamental, sabendo que estamos ainda na parte inicial de um percurso em que vamos ter de sofrer muito, de trabalhar muito, e de ter uma grande força interior para podermos conseguir os nossos objectivos. O fundamental é chegar ao fim nos três primeiros lugares. O estarmos agora nos três primeiros lugares não significa que a Académica vá subir. Agora, que a equipa tem potencial, que a equipa de dia para dia cada vez é melhor, que há a todos os níveis hipóteses que nos fazem sonhar com essa perspectiva, acho que sim.

O caso da eventual saída do Alhandra, anunciada pelos jornais, poderá destabilizar a equipa?

Nos últimos quinzes dias começaram a aparecer notícias nos jornais. Realmente não são agradáveis e não são boas para a estabilidade do grupo de trabalho. É importante que os jogadores mantenham todas aquelas características e qualidades essenciais que acabei de enunciar. No que diz respeito ao Alhandra, é uma situação que neste momento ainda não está resolvida. É evidente que se a Académica perder este jogador, que é realmente um jogador importante e que transmite uma qualidade muito grande à equipa, que está mecanizado com o conjunto, é evidente que será um rude golpe. Por outro lado, temos aí um jovem que penso que poderá estar na linha do Alhandra, que é o Nuno Miranda. Tem jogado menos por causa de problemas resultantes de muitas lesões este ano, mas é também um esquerdino de grande categoria, de grande talento. Mas não me agrada nada a perspectiva de vir a perder o Alhandra.

"Foi muito importante Coimbra ter sido uma das cidades escolhidas para acolher jogos do Euro 2004".

"Toda a massa adepta e simpatizante da Académica tem um papel importante a jogar na ascenção da equipa à primeira divisão".

Já que estamos a falar em questões de saídas, falemos também em questões de entradas. Haverá reforços na época de Dezembro? Esta Académica basta ou uma Académica mais reforçada é sempre melhor?

Em função das condições económicas que o clube actualmente atravessa, uma crise em termos financeiros, não é fácil mexer nesta situação. Por outro lado, reforçar por reforçar, só com o significado de meter mais jogadores, não é o caminho certo, provavelmente. Ou entra alguém que tenha valor reconhecido e que possa vir a acrescentar algo mais ao plantel ou então não vale a pena, porque nós temos já uma estrutura de base montada. Em termos de conhecimento mútuo há realmente um conhecimento perfeito entre toda a gente. Se alguém entrar sem acrescentar algo mais, acaba por ser contraproducente. De maneira que não se perspectiva que possam haver grandes mexidas ou entradas agora na altura das inscrições.

Pode dizer–se que a Académica encerra uma mística? O João Alves gosta de ver capas negras nas bancadas?

Gosto, gosto muito. Acho que a Académica é realmente um clube com mística, que vem já de um passado distante, com uma história bem cultivada. Isso é muito importante. No que respeita às capas negras nos estádios, isso dá–nos um grande alento, um apoio muito grande à equipa. Eles têm sido o 12º jogador. Refiro–me não só aos estudantes mas a todas as pessoas que apoiam a Académica, mas já se sabe que a Académica tem a ver com a universidade. Há uma interligação e é bom que continue a ser assim. Penso que a juventude, os estudantes, podem e devem ser o nosso jogador a mais, que nós temos de encontrar fora de campo.

A Académica este ano está no bom caminho para chegar à I Liga. As perspectivas são boas e as capas negras são consideravelmente mais.

Acha que se há alguma ingratidão por parte dos estudantes no sentido em que nos outros anos, em que se calhar a Académica mais necessitava, esse apoio não se fazia sentir?

Uma ingratidão? Não. No mundo do futebol é assim mesmo, é a equipa que tem de puxar os adeptos. É muito difícil acontecer o contrário, são raras as excepções. Eu vim para cá o ano passado em Dezembro, portanto a meio da época, a equipa estava mal classificada e acabou por fazer uma boa segunda volta. Começou–se, ao fim e ao cabo, a preparar a equipa para este ano, e isso foi muito importante. Do ano passado para cá há realmente uma diferença abissal entre as pessoas que assistiam aos jogos e esta época. Independentemente da carreira da equipa, do futebol bonito, que a equipa demonstra, tem havido também por parte da direcção iniciativas para puxar as pessoas ao estádio. É realmente dentro disto que é possível um futuro melhor para a Académica. Portanto, não vejo nisso qualquer questão de ingratidão.

Uma vez que as suas ligações à casa são antigas, esta Académica que comanda é para si um projecto ou uma paixão?

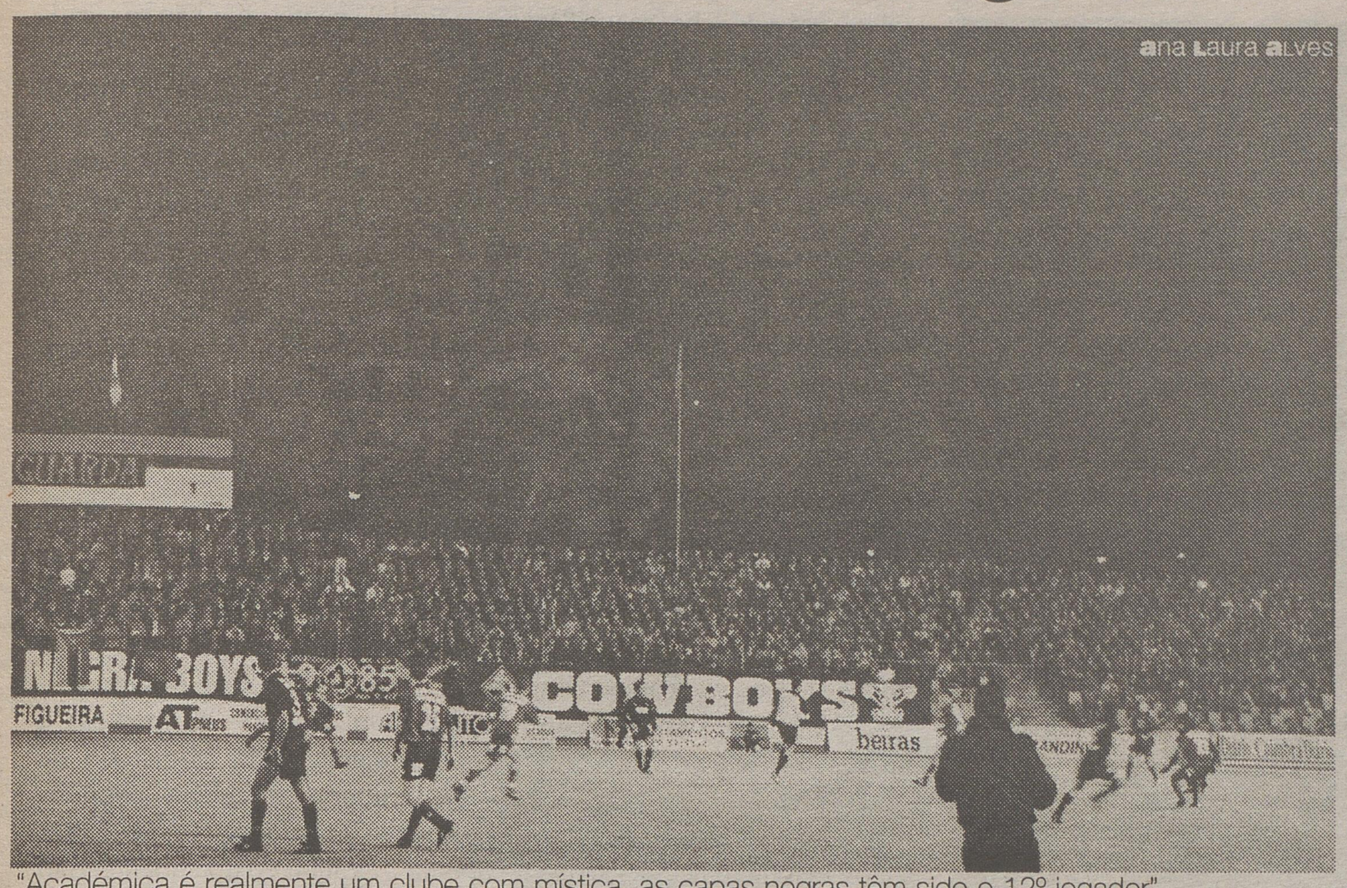
É um projecto, primeiro, e depois uma paixão. Começou como um projecto e depois houve um envolvimento. Neste momento é uma paixão. Primeiro que tudo, vão–se criando raízes. A cada domingo que passa começa–se a ver o fruto do trabalho que é desenvolvido e a gente sente que há ali algo nosso, nem que seja uma ínfima parte, mas que é nosso também. Daí eu poder dizer–lhe com toda a convicção que neste momento é uma paixão. É um clube muito especial. Há um envolvimento muito grande dos adeptos com o clube. Temos também sentido isso fora de casa, o que faz com que nós encaremos isto como uma paixão. Aliás, o futebol é a minha profissão mas tudo aquilo que se faz por paixão, normalmente, é mais bem feito.

O João Alves é um nome grande do futebol português, passou pelos grandes clubes nacionais, e teve também uma experiência como treinador num clube estrangeiro, o Salamanca. Existem diferenças entre treinar um clube como a Académica e um clube como o Salamanca?

Há coisas melhores e coisas piores mas a Académica tem algumas coisas melhores que o Salamanca. Primeiro, o ambiente do clube é muito melhor, as pessoas com quem nós convivemos diariamente na Académica não têm nada a ver com as pessoas que apanhei em Espanha, onde fui totalmente boicotado no projecto em que me meti. Depois, a Académica é um clube com muito mais mística que o Salamanca. Em termos económicos, é verdade que não tem comparação o que ganhei em Espanha com o que estou a auferir em Coimbra. Há uma grande diferença entre o futebol português e o futebol espanhol. Mas, se calhar, a favor do futebol espanhol pouco mais haverá que as condições financeiras. De resto, é um grupo de trabalho excepcional, aquele que consegui formar aqui em Coimbra. Com as dificuldades inerentes a quem tem problemas de ordem financeira, claro, mas até agora, com mais ou menos dificuldade, as coisas estão a ser conseguidas. Sinceramente, sinto–me muito mais por dentro na Académica do que quando es-

certo para a I Liga"

ana Laura aLves



"Académica é realmente um clube com mística, as capas negras têm sido o 12º jogador".

"É um grupo de trabalho excepcional, aquele que consegui formar aqui em Coimbra"..

tive a treinar o Salamanca. Outra diferença é haver na Académica vários jogadores que estudam. Eles, primeiro que tudo, são profissionais, depois é que são estudantes. Mas com boa vontade e entendimento tem–se conseguido ultrapassar determinadas questões de coincidência de horários. Essa situação obriga–nos, como técnicos, a jogar de forma a não cortar as pernas a este ou àquele jogador para que consigam prosseguir os seus estudos e a ter aproveitamento sem deixar de ter rendimento como atletas. Até agora isso tem sido conseguido facilmente.

Os jornais parecem levantar reticências em relação ao horário praticado pela Académica quando joga em casa. Dizem até que a noite favorece a Briosa. Essas reticências têm alguma razão de ser?

Eu não sei que tipo de reticências são. O que eu sei é que se começou a criar uma coincidência feliz que é a de que nos jogos que nós fazemos à noite, ganhamos sempre. E é uma coincidência que se agudizou mais quando só tínhamos ganho um jogo fora. Foi exactamente à noite, na Maia. A partir daí há um situação que em, termos psicológicos, não deve ser alterada. Um dos objectivos da comunicação social é criar mitos, situações, pólos de curiosidade. E isso é pura e simplesmente um pólo de curiosidade. Se é a própria comunicação social que o cria, pois é evidente que nós temos de aproveitar essa parte positiva em termos psicológicos e enquanto isto estiver a dar, continuar a jogar à noite sem qualquer tipo de problema. Embora isso já esteja completamente ultrapassado até porque nós já ganhámos uma série de jogos também de dia.

Em relação ao Euro 2004, acha que há equidade na forma como está a ser conduzido o processo? Acha que o Euro 2004 vai ser proveitoso para a Académica, em termos de infra–estruturas, como se espera que seja para o futebol português em geral?

Acho que é sempre benéfico. Foi muito importante Coimbra ter sido uma das cidades escolhidas para acolher jogos do Europeu. Se há equidade no processo ou não, só o futuro o dirá. Mas a ideia é que não. Há clubes que, se calhar, vão conseguir muito melhores proveitos do que a Académica em termos de instalações desportivas. Eu não estou muito por dentro, não sei se os clubes, em termos de ajudas, vão ser todos comparticipados por igual ou não. Agora o que me parece é que é extremamente importante Coimbra acolher um dos estádios onde se vão realizar jogos do Europeu. Isso revitaliza o desporto e, mais concretamente, o futebol. É muito importante que se realizem jogos do Europeu em Coimbra.

Quer deixar alguma mensagem aos leitores?

Continuem a apoiar–nos, porque esta nossa equipa dentro do campo é mesmo briosa. São jogadores briosos e merecem ser apoiados nos bons e nos maus momentos. Isso é o que tem acontecido até agora e gostava que assim continuasse. Toda a massa adepta e simpatizante da Académica tem um papel importante a jogar na ascensão da Académica à primeira divisão. Esse é que tem de ser o grande objectivo, é nele que nós estamos totalmente centrados e concentrados. Mas é importante que a juventude, pela sua impetuosidade e pelo sangue novo, transmita sempre à equipa aquela vivacidade, aquela vontade de vencer, aquele apoio que nos tem dado.

Natal é quando um homem quiser

Daniel Belo

Começo com o Alhandra. E por que não haveria de ser? Se toda a gente fala dele, quase que ficava mal visto se não mandasse a minha posta.

Eu sou dos que acha que o moço já recebeu a guia de marcha, e está de malas aviadas para o Porto. Tenho dito.

Mais preocupante ainda, talvez seja o facto de haver nas árvores e montras decorações de Natal, quando ainda vamos no meio de Novembro. Isto está a começar cada vez mais cedo! Não tarda abrimos a VIP, ou outra dessas simpáticas publicações, e damos de caras com as fotografias do Figo de barbas brancas e a comer bacalhau, em pleno verão no restaurante do Paulo China! É um abuso, senhores comerciantes! Deixem–se lá disso, que Cristo só faz anos para o mês que vem.

Enquanto as luzes piscam, o senhor Alves e os rapazes foram a Espinho ganhar o Sporting Clube da terra, com um resultado de se lhe tirar o chapéu. Jogo bonito com grandes golos de Dário e Paulo Adriano (30 metros é muito pontapé), e outros dois para as estatísticas de Kibuey. Do outro lado, Paulão fez o quatro a um, mas não chegou sequer para levantar a moral.

Quinta–feira à tarde entra a Taça, e logo com os amigos da Madeira, còm quem se divide o primeiro lugar na Liga. Académica e Nacional foram para o Calhabé com equipas de poupança, sem alguns dos habituais titulares, porque o que vai importando mais, ainda é o campeonato.

Ao fim de uma primeira parte em que a qualidade do futebol deixou muito a desejar, o marcador dava vantagem aos visitantes, culpa de um jovem de nome Lourenço que lá resolveu acabar bem um contra–ataque rápido. Na segunda parte, entra a dupla maravilha, e a história passa a ser outra. Dário marca um golaço de fora da área, impecável, e vira o tacho logo a seguir com outro. Kibuey arruma a questão com o terceiro, na próxima eliminatória calhou na sorte a Oliveirense.

Antes disso paragem em Coimbra, jogo com o Chaves para a 11ª jornada, dia de espectáculo para Luís Lameira. Também eu não sabia quem era este senhor, até que na segunda parte do jogo começou a disparar cartões, de todas as cores, para os dois lados. Dário foi atingido com um vermelho directo logo a abrir, depois de ter, provavelmente, dito coisas menos simpáticas, ou de uma maneira mais exaltada. No Chaves quase todos tiveram direito ao seu cartãozito, com Manduca a mudar as cores, expulso aos 56 minutos e o seu amigo Baigorria a ter a mesma sorte, quatro minutos depois. Acabou tudo com o presidente e treinador dos flavienses a gritar vergonha na conferência de imprensa. Apesar do pagode ainda houve tempo para jogar à bola, com mais uma vitória por 3-1. Dário, Lucas e Dyduch (de grande penalidade) para a Académica, Raul Otchoa para os transmontanos.

Entretanto em Lisboa ainda devem andar a fazer as contas às cadeiras para os lados de Alvalade, depois do jogo de Portugal com a selecção de Angola. Francamente acho que nunca tinha visto na televisão um jogo a acabar por já não haver jogadores suficientes no campo. No cair do pano, o jornalista da RTP captou o choro convulsivo de um jogador Africano. Também eu achei triste...

Guardado o lenço, porque ainda é uma hora e meia de caminho para Oliveira de Azeméis, segue a festa da Taça com uma primeira parte para dormir e descansar da viagem.

No segundo tempo, futebol. Dois golos marcados, e três falhados por Kibuey, um grande livre do Paulo Adriano e um golo do João Campos. Resposta de Jó (grande penalidade) e Conceição, para um 4-2 que estende o tapete para a próxima eliminatória. O treinador da Oliveirense estava certamente deprimido quando depois disse que só faltava uma equipa do INATEL ir lá, e marcar um golo. Fica feito o convite.

Quanto ao Alhandra, se fosse eu, fazia o mesmo e nem pensava duas vezes. Só há que lhe dizer obrigado, e fazer votos de muitas felicidades.

*Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis
*Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster

Revelação em 30 minutos

1.600$00 Nas revelações de 24 fotografias + oferta de rolo e álbum

FOTO MONTEIRO

Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1º piso

A Assembleia da República vive dias difíceis...

Reforma do parlamento só em 2002

As dúvidas sobre a constitucionalidade da Lei de Programação Militar contribuiram para acelerar a reforma do parlamento. O voto electrónico vai ser uma das mudanças.

Diogo Serras
Cristina Rodrigues

A organização parlamentar vai ser diferente em 2002

As polémicas que têm vindo a perturbar o decorrer das sessões parlamentares suscitam reacções e propostas quanto ao regime organizacional da instituição democrática. A votação da Lei de Programação Militar acende o rastilho trazendo a lume discussões sobre a constitucionalidade da Lei.

O PS, mais precisamente Francisco Assis, líder da bancada parlamentar, defende um real aproveitamento das novas tecnologias no seio da Assembleia da República propondo assim o uso do voto electrónico. Propõe também a transferência dos plenários de quinta à tarde para terça e a abertura de votações à quarta e à sexta. Estas propostas surgiram recentemente, depois do grupo parlamentar do PS ter assumido a necessidade de reforma do parlamento. Foi nesse sentido que Jorge Lacão, presidente da Comissão de Assuntos Constitucionais, elaborou um memorando. As reformas propostas decorrem inevitavelmente das polémicas que têm vindo a rodear os órgãos constitucionais.

Tudo começou com a votação da Lei de Programação Militar (LPM) e as questões que de seguida foram levantadas. O nó do problema residiu no facto desta lei ter sido votada e aprovada por maioria simples e não absoluta (ver caixa). Sendo esta uma lei orgânica, a Constituição estipula que tenha de ser aprovada pela maioria dos deputados em efectividade de funções, ou seja, 115 votos mais um. Ora, a LPM foi aprovada unicamente por 115 deputados, com os votos favoráveis do PS e do CDS–PP. Em seguida, houve um pedido de alteração do Diário da Assembleia da República (DAR) da parte do PS explicando que o voto do deputado socialista Rui Marqueira não tinha sido viabilizado, tendo–se este esquecido de assinar o livro de presenças.

Por seu turno, o presidente da AR, Almeida Santos, propunha uma nova votação, proposta que foi recusada por todos os partidos excepto o BE. Ultrapassada esta dúvida, surgiram outras que relançaram a polémica. Com efeito, após a observação dos videos da sessão parlamentar desse dia, verificou–se o facto de, no momento da votação da lei, não estarem presentes nas bancadas todos os deputados do PS e do CDS–PP como o DAR afirmava.

As acusações de inconstitucionalidade voltaram a emergir, cabendo agora ao Presidente da República(PR), Jorge Sampaio, tomar uma iniciativa. Relembre–se assim, que qualquer lei só tem validade se for promulgada pelo PR. Neste caso concreto existiam três opções possíveis para Jorge Sampaio: a promulgação da lei (considerando-a constitucional baseando–se nas actas do DAR), efectuar um pedido ao Tribunal Constitucional (TC) para esclarecer as dúvidas existentes acerca do assunto, ou simplesmente vetar a lei. O PR optou pela primeira hipótese. Na origem da decisão de Jorge Sampaio terá estado a justificação do presidente da AR, que alegou o facto de existir há muitos anos uma prática parlamentar, aceite por todos os partidos, e que consistiria na validação da proclamação dos resultados por bancada partidária, não havendo assim necessidade de contagem de votos por cabeça. A questão que acabou por se colocar, e que em certa medida terá contribuido para fomentar a polémica, será a de saber se um "acordo de cavalheiros" deste género se pode sobrepor à Constituição.

O mundo rural em destaque no OE

Com a passagem na AR do método de votação por bancada para a contagem de votos por filas - decidido em conferência de líderes, após a polémica que se instalou sobre a aprovação da LPM, pondo fim ao velho "acordo de cavalheiros" que impedia o pedido de contagem dos votos no último momento - o PSD acabou por vir a sofrer com esta decisão no plenário de votação do OE para 2002 ocorrido no passado dia nove.

De facto, foi este partido, nomeadamente Durão Barroso e Marcelo Rebelo de Sousa, que levou o grupo parlamentar a tomar essa decisão depois da acusação de inconstitucionalidade na votação da LPM. E, com efeito, o OE para 2002 acabou por passar não com a abstenção negociada do deputado independente pelo círculo de Viana do Castelo, Daniel Campelo, mas com o voto a menos de um social–democrata, o deputado Duarte Lima, que, estando ausente por motivos de saúde, não foi substituído.

Assim, o Orçamento foi efectivamente aprovado com 115 votos a favor do PS, uma abstenção de Daniel Campelo e 113 votos contra decompostos da seguinte forma: dois do BE, dois do PEV, 14 do CDS–PP, 15 do PCP e 80 do PSD. Portanto, a falta de assiduidade de um único deputado ajudou a viabilizar o documento, o que fez com que alguns membros da bancada do PSD levantassem críticas à sua direcção por não ter procedido à substituição. As críticas foram no sentido de questionar o embaraço que poderia ter–se proporcionado caso tivesse faltado ao plenário de votação algum deputado do PS. O "factor Daniel Campelo" acabou, afinal de contas, por não se verificar.

No entanto, pode–se afirmar que o presidente da Câmara de Ponte de Lima revelou–se também o grande (se não o único) vencedor desta batalha de interesses - sejam eles políticos, económicos ou pessoais - dadas as contrapartidas orçamentais que, com ele, o Governo tratou previamente em troca do voto da viabilização, jamais prevendo o episódio que o PSD acabaria por proporcionar.

Concretamente, o relatório explicativo da estratégia orçamental apresenta, numa caixa com o título "Caixa–Mundo Rural", um conjunto de medidas a implementar pelo Ministério da Agricultura, "todas elas com co–financiamento da União Europeia", explicita o documento. São medidas que, segundo o texto, combaterão a desertificação do mundo rural e a subjacente "ameaça à essência da cultura portuguesa, logo à própria identidade nacional". Esta posição assumida vai ao encontro de Campelo na procura de soluções para "os problemas reais do país, como os desfavorecidos do mundo rural que vivem no limiar da pobreza", defende o autarca.

O "acordo limiano" repetiu–se, não obstante o preceito constitucional (citado pelo deputado socialista Vitor Ramalho em declaração de voto) dizendo que "o deputado representa toda a nação e não apenas os cidadãos da sua região". Contudo, o OE para 2003 pode já ficar despido de uma qualquer "negociação" desta natureza, isto a fazer fé na revisão feita este ano do estatuto dos deputados e da lei eleitoral autárquica, deixando de ser possível acumular os cargos de deputado e de presidente de câmara.

NR–Os textos desta página foram redigidos com base nas informações constantes nos jornais Expresso, DN e Público.

Glossário

Lei de Programação Militar

A LPM prevê o planeamento de aquisições de equipamento militar para as Forças Armadas. A que foi promulgada pelo PR, Jorge Sampaio, já é a quarta e tem uma validade de 2001 a 2035. Inclui também programas de desactivação de equipamentos, de infra–estruturas e de investigação e desenvolvimento.

Votação Por Bancada

Cada deputado representa um voto. No entanto, para facilitar as votações estabeleceu–se o voto por bancada. Ou seja, o líder de cada bancada comunica o voto do grupo parlamentar em nome deste. A mesa parlamentar contabiliza, então, automaticamente os votos guiando–se pelas assinaturas que constam no livro de presenças.

O Voto Electrónico

Apesar das instalações para esse efeito já estarem prontas desde 1999, o voto electrónico só entrará em vigor em Janeiro. O voto electrónico permite votações e contagens mais rápidas e mais controladas. Segundo um documento elaborado por Almeida Santos, permite vários tipos de votação: aberta, nominal ou secreta. Cada deputado passará a possuir um cartão individual e personalizado com um chip, o qual permitirá uma identificação de quem está a votar. Os resultados serão, então, obtidos através de um documento impresso pelos computadores que gerem o sistema.

O ESTUDANTE
SNACK BAR - RESTAURANTE
Especialidades
*Carne de Porco à Alentejana *Bacalhau à Estudante
*Vitela na Tachinha *Arroz de Polvo
Preços Especiais
Em almoços e jantares de estudantes, individuais e de grupo

R. da Sota, 44-48 - Tel. 239832699 - 3000-392

"Acto Cultural" estreia no Pátio da Inquisição

O ovo de Colombo

Contar o drama histórico de Cristóvão Colombo, em tom de comédia, é a proposta da Escola da Noite na sua 24ª produção.

Helder Silva Dantas
Helena Marques

Os reis católicos de um "Acto Cultural"

A Escola da Noite apresenta: "Acto Cultural", de Jose Ignacio Cabrujas, em cena de terça a sábado, sempre às 21h45, e também aos domingos às 16h30. Este espectáculo abrange tanto o tempo do autor, como as grandes questões que perpassam a vida cultural da nossa sociedade.

A actualidade, a versatilidade e polivalência temporal da peça, impressionou a Companhia, desde a sua primeira leitura. Daí o empenho na sua concepção, comenta António Augusto Barros, encenador da peça: "criou–se uma empatia imediata, porque o texto é realmente tão rico, tão mordaz, com um humor subversivo e iconoclasta".

O teatro cabrujiano pisou pela primeira vez os palcos portugueses por volta da década de 1980, aquando da estreia da peça "El día que me quieras", pelo Teatro Ibérico. Retrata um drama vivido por um socialista utópico, que assiste a um desmoronar dos seus ideais.

No texto de apresentação do espectáculo, Augusto Barros classifica a sua obra como "a reinvenção de um modo próprio, pletórico de teatralidade", no sentido de uma procura, por parte do dramaturgo, de um teatro que possa reflectir e questionar a realidade social a que pertence: a Venezuela e a América do Sul. Cabrujas procura provocar o espectador e alertá–lo para uma cultura, da qual ele se diz conhecedor, mas que ao mesmo tempo não é capaz de a concretizar e tomar consciência da sua importância.

Grito contra a uniformização

Nas palavras do encenador, o "Acto Cultural" realça a ideia "drástica e radical", de que não há arte sem uma grande intromissão do "eu", das pessoas. Acrescenta que é necessário criar uma "autonomia cultural" nas antípodas deste "mundo da globalização", em que se esbatem os traços distintivos de cada comunidade. Assim, esta peça afirma–se como "um grito contra isso mesmo: a uniformização dos costumes", conclui Augusto Barros.

A 24ª produção da Escola da Noite pretende ser uma ponte teatral com a nossa realidade. Daí o fascínio pela obra. A crise do conceito artístico, o lugar nenhum da cultura, a sua concretização na sociedade revela–se uma questão actual, tal qual se vivia na Venezuela do autor. Qual o papel da Arte era a interrogação necessária de Cabrujas. Inevitavelmente a de hoje. "A Arte não é apenas uma coisa de decoração, de pôr na lapela. As pessoas devem encará–la como encaram a sua própria vida", esclarece o encenador.

Augusto Barros entende que está na altura de romper as "fachadas culturais", que tanto lhe repugna, a par do "provincianismo" e dos "silêncios acastelados" que ensurdecem a produção cultural no país, concretamente, em Coimbra. "Ainda hoje a cultura é coisa secundária. Sente–se que cada agente cultural em Coimbra está metido no seu reinozinho". O próprio denuncia a quantidade de políticos que aparecem a "encher a boca com cultura, quando muitas vezes sabemos que isso é completamente falso". A colaboração e a apreciação da produção de outras companhias é essencial para que o teatro conquiste um lugar na sociedade, conclui o encenador. "É uma coisa de Coimbra e de Portugal. Não há pior do que o ambiente teatral em Portugal", lamenta Augusto Barros. Neste sentido e dada a semelhança entre a obra de Cabrujas e a situação da dramaturgia portuguesa, mostrava–se necessário concretizar a encenação.

Os "actores" da Junta

O elenco, no seu "precioso equilíbrio de diferenças", como refere o texto introdutório, é constituído por seis membros da Junta Directiva da Associação Louis Pasteur para o Fomento das Belas Artes, Ciências e Indústrias de São Rafael de Ejido. Amadeu Mier (Fernando Mora Ramos) é o presidente orgulhoso deste órgão, secundado pelo brejeiro vice–presidente Cosme Paraima (António Jorge), que nutre uma paixão por Antonieta (Isabel Lopes). Hermínia Briano (Sílvia Brito), vogal da Junta, concretiza na plenitude a sua individualidade. Muito facilmente se deixa levar pela sua vida amorosa com o seu falecido marido "Petit". Purificação Chocano (Sofia Lobo), secretária de actas e o elemento mais jovem da Junta, vive ainda, desoladamente, o amor pela sua falecida mãe.

O presidente organiza um "Acto Cultural" no qual vai apresentar, perante as individualidades da povoação, o suposto drama histórico, com o título "Cristóvão Colombo, o Genovês Alucinado".

Os actores são "obrigados" a "dançar" entre os vários registos dramatúrgicos da peça. Desde logo, alternam–se os momentos colectivos com as partituras individuais, quase como solos operáticos de cada actor. Procura–se desenvolver uma dinâmica entre o interesse colectivo e o individual, desembocando num constante vai–vém entre o teatro, a peça que a Junta representa, e dentro dessa representação, uma fuga para a vida pessoal das personagens.

O público implicitamente também faz parte da peça. "Há uma primeira fase, em que se prepara a peça, em que o público se antevê. Depois, quando o público entra na sala, toda a nossa partitura se vai desenvolvendo com a evolução do espectáculo. O público vai impôr outros ritmos, vai entrar pela produção dentro com as suas gargalhadas, com os seus silêncios, com a sua expectativa.", esclarece o encenador–director da Escola da Noite.

O dramaturgo de Caracas

José Ignacio Cabrujas (1937 - 1995), dramaturgo, director de teatro, actor, cronista, guionista de cinema e televisão, introdutor do teatro do absurdo e da crítica , foi uma das, se não a mais importante personalidade do teatro venezuelano. Já foi considerado como uma das maiores exportações deste país sul–americano, logo após o óleo. E apesar de ter classificado o seu país como um "erro de história" numa das suas peças, nutria uma grande empatia com a sua riqueza social. Escreveu a sua primeira obra aos 15 anos, sobre os problemas de Abraão.

Em 1956 ingressa no Teatro Universitário da Universidade Central Da Venezuela. Desde logo se destaca, principalmente em 1959, como actor, numa representação de Esref em "Lleyenda de amor" de Nazim Hirmet, e Cesário em "Noche de Reys" de William Shakespeare e Léon Filipe. Ainda neste ano escreve "Juan Francisco de Léon", considerada como um hino à insurreição. Desde então o caminho da dramaturgia era o alento de Cabrujas.

Em 1961 cria, com Chalbaud e Chocrón, o Teatro das Artes em Caracas, estreando também nesse ano a sua segunda criação "El extraño viaje de Simón, el malo".

Em 1962 escreve "Tradicional Hospitalidad"; em 1963 "En nome del Rey"; em 1964 escreve, com Chalbaud, "Dias de Poder" e actua no filme "Los Ángeles Terribeles", de Chalbaud, ganhando um prémio pela sua representação.

Em 1967 escreve "Testimonio", e funda, conjuntamente com Chocrón e Chalbaud, El Nuevo Corpo.

Já em, 1972 Cabrujas apresenta mais uma produção teatral, "Profundo". Torna–se o director da Escola de Teatro do Instituto Nacional de Cultura e Bellas Artes, mais tarde transformado em Consejo Nacional de La Cultura (CONAC).

Em 1976, mas deixando para trás anos igualmente recheados de arte, escreve "Acto Cultural". A partir desse ano e durante quase 20 anos escreve telenovelas.

Augusto Barros destaca a sua nítida "influência brechtiana", que depois, neste último texto, passa a um registo mais pessoal. O director da Escola da Noite caracteriza Cabrujas como um grande admirador de Beckett, pois este considera "À Espera de Godot" provavelmente o maior texto do século XX. Apesar de ter acompanhado todas as vanguardas teatrais ocidentais, Cabrujas conseguiu "fugir a isso tudo e afirmar uma teatralidade que tem a ver com a Venezuela e a América do Sul", diz Augusto Barros.

Em Setembro de 1995, o Teatro Profissional de Venezuela estreou a obra "Sonny", uma versão de Otelo, escrita por Cabrujas a partir da vida do venezuelano Victor "Sonny" Leon.

Morreu em Parlamar, no dia 21 de Setembro de 1995.

Blixa Bargeld no TAGV

O elogio da (des)construção vocal

A Rádio Universidade de Coimbra apresenta–nos Blixa Bargeld; um nome incontornável de toda a cultura indy e industrial, a solo, em "Rede / Speech".

Hugo Ferreira

Nascido em Berlim a 1959, Blixa Bargeld fundou e lidera a mais mítica formação industrial "Einstürzende Neubauten". Desde 1980 é um dos braços direitos do eclético Nick Cave, fazendo desde sempre parte dos Bad Seeds.

Músico, autor, performer, actor e encenador, Blixa Bargeld assume–se como um artista completo e complexo junto do qual a crítica se rende e o público se mostra submisso. Mestre em qualquer arte interpretativa, Blixa Bargeld apresenta–nos em "rede/speech" uma exploração sem fronteiras da voz e da filosofia, através da sua imagem, voz, pedais de distorção, máquinas de efeitos e um bloco de notas com tópicos que sugerem assuntos diversificados sobre os quais improvisa.

Um espectáculo que já correu grande parte dos países europeus e foi aclamado no Queen Elizabeth Hall, em Londres, inserido no conceituado festival Meltdown, no passado ano de 2000.

Esta "performance" não deixa ninguém indiferente; a metamorfose das frases, a construção de sons a partir da desconstrução de sílabas são elementos que sobressaem desta arquitectura sonora única que Blixa Bargeld cria e alimenta apenas com a força e as texturas da sua voz.

A interacção com o público é notável para quem tem fama de ser um mestre com cara de poucos amigos, desde brincadeiras com o seu técnico de som à postura de "pseudo–cientista–performer", construindo o seu sistema solar, encadeando loops com a sequência do DNA, os assistentes vão fazendo parte duma improvisação constante que passa de conversa de café para discussões filosóficas ao ritmo das sonoridades vocais que tanto lembram os períodos mais pacatos de Nick Cave como as explosões rítmicas dos Einstürzende Neubauten.

A conceituada jornalista britânica Anna Clare McDuff catalogou o espectáculo com a simples frase; "Perfeição, alimento para o espírito" .

Acima de tudo podemos descrever o espectáculo como uma inteligente, intensa e dinâmica viagem guiada por um dos maiores alquimistas das cordas vocais.

Longe vão os tempos de improvisação pura e dura, baseada no ruido maquinal e maquiavélico dos primórdios do industrial, com os Neubauten, em que Blixa ía perdendo a vida quando continuou paralisado a berrar no centro de um palco em chamas. Blixa domesticou–se, deixou de ouvir a música que se vai fazendo pelo mundo fora, dedica–se cada vez mais à harmonia do silêncio e das palavras que têm mais força se forem declamadas e manipuladas.

Com bilhetes já há venda (entre 2500$00 e 3500$00) , o TAGV prepara–se para receber mais uma noite inesquecível na apresentação oficial da nova grelha da Rádio Universidade de Coimbra.

D.R.

Blixa Bargeld actuará dia 4 de Dezembro no TAGV

Coimbra Verdi

Ópera "Nabucco" apresentada no TAGV

Jorge Vaz Nande

No dia 25 de Novembro será exibida no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) a ópera "Nabucco", de Giuseppe Verdi, numa apresentação da State Opera da Bulgária - Coro e Orquestra de Varna. Considerada como uma das obras mais representativas do liberalismo típico do século XIX, o espectáculo insere–se na celebração do centenário da morte do famoso compositor italiano.

Nas palavras de João Maria André, director do TAGV, este será "um dos momentos mais significativos no que diz respeito às comemorações do centenário de Verdi em Coimbra", até agora limitadas a uma pequena homenagem ao compositor durante o último Festival Internacional de Música. O director do TAGV também frisou a dificuldade de trazer a Coimbra um espectáculo que, incluindo mais de 150 intervenientes, acarreta elevados custos económicos de deslocação. No entanto, não deixou de manifestar uma grande vontade de manter uma oferta regular de ópera. "Se eu dispusesse de um financiamento adequado para promover esse tipo de iniciativas no TAGV, posso garantir que teríamos um mínimo de dois espectáculos por ano, o que já seria bom".

Verdi nasceu em 1813, na pequena localidade de Le Roncole. Uma vez concluídos os estudos, concorreu ao Conservatório de Milão, mas foi rejeitado. Isso não o impediu de estudar composição em Milão com Vincenzo Lavigna, compositor e maestro no teatro La Scala. Em 1839, compôs uma primeira ópera bem sucedida, "Oberto". No entanto, a sombra da tragédia viria a marcar a sua vida: enquanto preparava um novo trabalho, "Un Giorno di Regno", Verdi perderia os dois filhos e a mulher para a doença. Para além disso, essa segunda ópera viria a saldar–se num fracasso, desanimando o compositor a tal ponto que ele teria mesmo jurado nunca mais compor. No entanto, continuou e atingiria, em 1842, com a apresentação de "Nabucco", um êxito monumental, tornando–se no mais famoso compositor do seu tempo, cobrando os maiores honorários por obra produzida.

Grande símbolo de um espírito nacional em formação, Verdi deixou que as suas óperas transparecessem uma tomada de posição política numa Itália que, à época, lutava pela unificação. Assim, não foi de espantar que os seus compatriotas interpretassem o seu nome como um anagrama elogioso da figura sob a qual aquela unificação se viria a realizar: Vittorio Emmanuel Rè d'Italia.

Esta obra é–nos trazida pelas mãos do Teatro de Ópera de Varna, uma das companhias de ópera búlgaras com maior reconhecimento, quer dentro, quer fora das fronteiras do seu país. Vencedora de vários prémios de prestígio, ela tem pautado a sua actuação por uma procura de repertório original e de novas soluções de cena, criando uma imagem de profissionalismo e competência que levou, ao longo dos seus já 54 anos de existência, à criação de sucessivas gerações de cantores e ao reconhecimento do público e da crítica em locais tão diversos como a Jugoslávia, a Ucrânia, a Itália, a Espanha, a Grécia, a Índia, a Roménia, o Egipto, a Alemanha, a Suiça ou a Áustria.

Na direcção da orquestra temos Hristo Ignatov que, para além desse cargo, tem vindo também a desempenhar as funções de director artístico desde 1991. Já há 15 anos que este antigo aluno do Professor Yury Simonov, do teatro Bolshoi, e actual Professor Associado à Academia Estatal de Música Pancho Vladigerov conduz algumas das mais bem sucedidas produções da companhia, marcando presença regular nas edições do Festival Internacional de Música de Varna. Kuzman Popov, por seu lado, é o director de cena. Já com um longo currículo, que inclui a direcção de mais de 45 óperas, Popov licenciou–se no Instituto Dramático "Kr.Safarov". Começou a sua carreira artística na produção teatral e na Televisão Nacional da Bulgária, iniciando–se como produtor de ópera na Plovdiv Opera House. Trabalhou depois na Alemanha com a Komische Opera Berlin e, uma vez regressado à Bulgária, entrou para o Teatro de Ópera de Varna. É o seu chefe de produção desde 1979, tendo sido galardoado com o Varna Award.

Os preços dos bilhetes serão de seis mil escudos para as primeiras quatro filas e de cinco mil para as restantes, com um desconto de 500 escudos para estudantes. Um preço elevado para uma noite rara...

O Grupo de dança Raiz di Terra dá a conhecer Cabo Verde no TAGV

Mostrar Cabo Verde ao mundo

Sob a forma de danças e músicas tradicionais, os estudantes cabo–verdianos mostram a sua cultura num espectáculo que se adivinha repleto de energia.

Filipa Pereira
Liliana Guimarães

D.r.
Assim se dança em Cabo Verde

"O Continente, o País e o Mundo" sobe ao palco do Teatro Académico Gil Vicente (TAGV) no próximo dia 23 de Novembro, interpretado pelo Grupo de Dança Raiz di Terra, constituido por estudantes universitários de origem cabo–verdiana em Coimbra.

Célia Spencer, coreógrafa e presidente do grupo, em conversa com A CABRA, explica que os estudantes cabo–verdianos constituiram há cerca de três anos e meio o Grupo Cultural Raiz di Terra com duas vertentes: uma teatral e uma de dança. A primeira cessou as suas actividades por falta de elementos, passando o grupo a denominar–se Grupo de Dança Raiz di Terra "com ensaios mais ou menos regulares na sala do Coro Misto".

Dezoito bailarinos e três colaboradores formam o grupo que, mediante o pagamento de cotas, garante a sua independência logística face à Associação Académica de Coimbra e assegura o seu sustento. Para além do apoio financeiro por parte dos seus membros, o grupo conta ainda, para este espectáculo, com a colaboração do INATEL, Câmara Municipal de Coimbra, Câmara Municipal do Sal, Reitoria da Universidade de Coimbra, TAGV, o Governo Civil de Coimbra, Dja D'Sal Holliday Club, Hotel Morabeza e Praiatur Lda.

O grupo conta já com participações noutros eventos culturais de âmbito universitário de que são exemplo a comemoração do Dia da Independência de Cabo Verde, a recepção aos caloiros cabo–verdianos e o dia dos estudantes estrangeiros nas festas da universidade.

Este será o primeiro espectáculo organizado pelo grupo para o qual têm trabalhado ao longo do último ano, esperando alcançar, principalmente, o público estudantil conimbricense "e esperamos que venham pessoas de outras cidades". Este terá a presença de convidados cabo–verdianos como o grupo de dança "Nós Tradiçon", grupo musical "Terra Longe", Marlene, Jó e Samory, que ajudarão a enriquecer a apresentação e a mostrar ao público o que estes estudantes produzem no âmbito cultural.

A coreógrafa levanta um pouco o pano acerca do espectáculo: "nós apostamos essencialmente nas danças tradicionais, mas não deixamos de ter coreografias ligadas ao continente, África, e a parte ligada ao mundo". O grupo revela ainda vontade de se expandir pelo país, mas não almeja a profissionalização - "somos todos estudantes, universitários, e a maior parte bolseiros!"

"O País, o Continente e o Mundo", que esperam ser "o primeiro de muitos espectáculos", divide–se em três partes distintas mas complementares. São as danças, músicas e poesias tradicionais de um país, integradas num continente, pertencentes ao mundo.

"O País" pretende retratar a tradição cabo–verdiana com encenações de romarias e festas, músicas e coreografias nativas.

"O Continente" tem como objectivo, por um lado, a apresentação do ritual africano com ritmos, movimentos e cores suaves e, por outro lado, o que de mais tribal há na cultura de África.

Salsa, hip–hop e ritmos latinos cantados por Cesária Évora constituem "O Mundo", que pretende revelar a assimilação de outras culturas pelos estudantes.

A partir deste espectáculo o grupo espera dar a conhecer–se, embora reconheça as suas limitações, enquanto estudantes, não deixando de estar receptivo a possíveis convites de expansão pelo país, para os quais já existem contactos com o INATEL.

O cunho cultural do espectáculo não lhe retirará o carácer lúdico, adivinhando–se uma noite rica em cor, energia e movimento.

Célia Spencer remata "eu sinceramente acredito que posso fazer ainda melhor, sou uma eterna insatisfeita. Espero que este nosso primeiro espectáculo não fique por aqui (...) estamos todos a trabalhar para que assim seja".

Pela primeira vez em Coimbra

Eu sei que vou te amar

A ambivalência de sentimentos como o amor e a paixão vai estar a descoberto no palco do TAGV, no dia 24 do corrente mês. A acção gira em torno de um casal recém-divorciado, um homem e uma mulher que transpõem o passado para o presente, criando assim uma situação comunicacional conflituosa.

Paula Velho
Maria João Lopes

D.r.
O amor sobe ao palco do TAGV

Amanhã, pelas 21h45, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) levará a cena a peça "Eu sei que vou te amar" do escritor Arnaldo Jabor. Com encenação de Cristina Carvalhal, em palco vão estar Ana Nave e Almeno Gonçalves. "Eu sei que vou te amar" nasce a partir do sentimento que nos move diariamente, que se manifesta nas e das mais diversas formas e que, por seu turno, o ser humano, designou de amor.

A peça contará apenas com a presença de duas personagens que assumem o papel de um casal no período pós–divórcio. Por outro lado, "Eu sei que vou te amar" é, de certa forma,"iniciado pelo fim", na medida em que se trata de uma analepse presentificada. Isto é, o diálogo aborda situações passadas que estiveram na base da situação actual. Neste contexto, a peça começa três meses depois de uma separação que pôs termo a seis anos de vida conjugal. Por tudo isto, um homem e uma mulher encontram–se propositadamente com intuito de "conversar". Mas, como se depreende facilmente, da conversa passa–se rapidamente ao que o senso comum chama "lavar de roupa suja". Neste "tanque" estiveram presentes os mais variados jogos da arte da sedução como forma de amenizar o diálogo. A fronteira entre o medo da infidelidade e as agressões por esta provocadas. As tréguas depois merecidas e ansiadas. As fantasias e o papel de cada um nesses delírios. As fraquezas, as manipulações e as mentiras. A queda das máscaras e os sentimentos a descoberto são o resultado final desta conversa. Por que é que não conseguem viver um com o outro? Pela mesma razão que não conseguem viver um sem o outro.

Contactado pelo jornal A CABRA, José Manuel Nunes, envolvido na realização desta peça, não deixou de referir a importância da escolha do texto escrito pelo brasileiro Arnaldo Jabor: "tem de alguma forma alguma intensidade no próprio texto, intensidade essa que é vivida pelo próprio público. Trata–se dum jogo de conflitos que vai percorrendo o caminho de cada um deles, intérpretes/personagens, através do diálogo e da interacção, no sentido de um entendimento final".

A escolha dos actores, Ana Naves e Almeno Gonçalves prendeu–se com o facto de serem duas figuras conhecidas, mediáticas e com elevado nível profissional, tendo ainda a vantagem de não ser a primeira vez que trabalham juntos. Nas palavras de José Manuel Nunes: " ambos primam pelo rigor e pelo profissionalismo".

No que diz respeito à encenação, a escolha de Cristina Carvalhal também não foi ao acaso: "Cristina Carvalhal é um valor relativamente recente, embora tenha já muita experiência nesta área. Conhecendo bem o mundo cinematográfico é, de facto, um talento recém-descoberto", acrescenta José Manuel Nunes.

"Eu sei que vou te amar" é uma peça que não se caracteriza pela complexidade cenográfica: "os cenários são muito simples, nada complicados, constituindo–se basicamente por panos pretos e focos de luz a incidirem nestes. São cenários montados no próprio dia", conclui José Manuel Nunes. Assim, a cargo de Rui Silvares, a cenografia caracteriza–se pela negritude.

Por outro lado, convém referir ainda a importância dada à cor, à luz e ao som como meio de traduzir os códigos emotivos explorados nesta peça. Responsáveis por estes três elementos estão Fernando Caldeira e Carlos Míguel Pereira.

Em jeito de conclusão, lembramos que esta peça já estreou em Lisboa, no Teatro Villaret, e que tendo sido aclamada pelo público, constituiu um grande êxito. Assim seja em Coimbra.

artes

Rock`n`rule

Hugo Ferreira

Mark Oliver Everet (Mr. E) e Butch estão de volta. Os Eels passaram de trio a duo e cresceram ao longo de quatro discos que encantaram grande parte dos melómanos.

Depois da melancolia irónica e subtil de "Beautiful Freak", os desesperos de uma vida sentimental e familiar amputada renderam o presente envenenado "Electro–Shock Blues". Já em 2000 os Eels visitam pela primeira vez Portugal (para um concerto "semi–privado" no Lux) e trazem na bagagem o deslumbrante "Daisies of The Galaxy" e mais para o final do ano lançam–se nas potencialidades da world wide web, editando no seu site (e única e exclusivamente lá) o trabalho de temas ao vivo e raridades "Oh what a beautiful morning".

Em "Souljacker", os Eels continuam a trilhar os caminhos do pop, cada vez mais marcados pelo rock e até por algumas influências mais dançáveis. Distorção e muita garra é o que sobressai nesta colaboração com John Parish (habitual companheiro de PJ Harvey) que conta com a mãozinha de Joe Gore (guitarrista de Tom Waits, PJ Harvey e produtor dos Belle Chase Hotel) em três temas.

O início electrizante de "Dog Faced Boy" abre para a fusão "salsa rock'-n'punk" de "That's Not Really Funny" que é, sem sombra de dúvidas, uma das melhores canções que os Eels já escreveram, o single "Souljacker" demonstra–nos que o rock não morreu e o devaneio ruidoso de "What Is This Note?" encerra o disco de uma forma notável.

Mas não se pense que só há rock neste lançamento da editora de Geffen, Spilberg & Companhia, a Dreamworks. A melancolia em "Fresh Feeling" e "Bus Stop Boxer", a simplicidade em "Woman Driving, Man Sleeping" e "World of Shit" e o formato pop perfeito de "Friendly Gohst" e "Jungle Telegraph" completam o ramalhete.

Souljacker é um disco deliciosamente viciante. A comprovar já no próximo dia 24 de Novembro, na Paradise Garage, em Lisboa.

Eels

"Souljacker"
Dreamworks (2001)

4hero

"Creating Pattems"
Talkin Loud/Universal
(2001)

A construção infinita de padrões

Rui Caniço

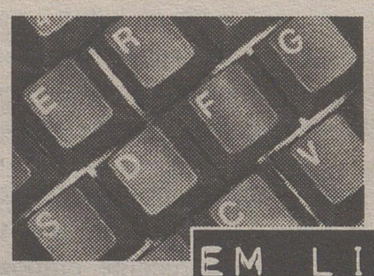
Dois dos homens que muito têm contribuído para que a música popular sofra as mutações mais estimulantes na última década retomam este ano o formato longa duração de um dos seus projectos, 4 Hero, depois de longo interregno de três anos em que "Two Pages" já adivinhava novas soluções estéticas nas sonoridades da dupla londrina.

Com um percurso notável na descoberta das orientações musicais para o futuro, Marc "Mac" Clair e Dennis "Dego" MacFarlane deambularam por soundsystems e rádios pirata britânicas antes da criação de uma das principais editoras dedicadas ao drum'n'bass e toda a sua cultura, a Reinforced Records. Foi com essas experiências e com um sentido exímio de procura de novas fórmulas que se camuflaram com nomes tão díspares como Nu Era, Jacobs Optical Starway, Tom & Jerry, Manix e Tek 9 - com edições de mais ou de menos regularidade - para, de forma laboratorial, criarem exercícios com base nas premissas do hip hop, drum'n'bass, house, funk e soul.

Ao quarto álbum os 4 Hero afastam–se cada vez mais das definições iniciais da electrónica rigorosa para se dedicarem a trajectórias onde a matriz "live" - com direito a orquestrações reais - proporciona uma aproximação consensual ao formato canção. Contando com colaborações tão luxuosas como as de Mark Murphy, Jill Scott e Ursula Rucker - já repetente nas peças da dupla e com direito a retribuição de parceria em Supa Sista - procuram reordenar, em várias frentes, os conceitos clássicos da música negra em toda a sua plenitude para as estruturas narrativas contemporâneas ditadas pelas vibrações impostas pelas novas tecnologias.

Demonstrando, igualmente, uma necessidade compulsiva por soluções frescas e virgens, acoplam bases rítimicas two step a alguns temas - tal como o haviam feito anteriormente com as linguagens do techno e drum'n'bass - reduzindo–as apenas a uma pequena ferramenta da complexa malha jazzística composta por orquestras de cordas e sopros, instrumentos convencionais e elementos electrónicos.

Espera–se, tal como o título indica, que a procura da criação de padrões estéticos pelos 4 Hero ainda não tenha chegado ao fim.



Nuno Curado

Este mês foi fertil nos chamados Internet Messaging Systems. Saiu o ICQ 2001b, a Microsoft juntou ao lançamento do Windows XP o novo MSN Messenger e a Yahoo também não ficou atrás. Será que algum é melhor que os outros?

Yahoo Messenger

Já vai na versão 5.00, e ganhou um novo aspecto gráfico com temas, o que o torna visualmente mais agradável. Mas estes temas, embora bastante atractivos, não passam de um bom golpe de marketing pois não oferecem nada de novo. Esta versão é mais fácil de usar que o ICQ e é mais avançado tecnologicamente que o AOL Instant Messenger nas suas capacidades de conversas através video e som. Só é ultrapassado pelo Windows Messenger no que toca a capacidades de video. Sendo um produto da Yahoo é mais que natural a estreita ligação entre o Yahoo Messenger e o portal da própria empresa. Através do YM tem–se acesso às noticias do dia, informações desportivas, do tempo e financeiras.

MSN Messenger

A versão 4.5 existe em duas formas, uma para todos os Windows anteriores ao XP, e para o Windows XP cujo nome é Windows Messenger. Ambas as versões estão disponiveis para instalação através da página da Microsoft, sendo simples de usar e de instalar. O MSN Messenger está ligado ao serviço do Hotmail, avisando o utilizador, desde que tenha uma conta no Hotmail, da chegada de correio electrónico à sua conta. Tal como na nova versão do ICQ, também o MSN Messenger guarda a lista de contactos em servidores remotos. Esta funcionalidade permite que se tenha acesso aos contactos em qualquer computador que tenha o MSN Messenger instalado. Este produto engloba–se dentro da estratégia .NET da Microsoft e como tal é de esperar que tenha grandes alterações no futuro e se torne quase indespensável a quem possui um dos sistemas operativos da Microsoft.

AOL Instante Messenger

Embora tenha sido dos primeiros a fazer face ao ICQ,é também o mais provável candidato a desaparecer do mercado. A versão 4.7 já não possui a capacidade de fazer telefonemas gratuitos de PC para telefones. Mas ainda é possivel ter conversas de PC para PC. Em termos gráficos, digamos que esta versão é um grande consumidor do ecrã, aproveitando–se em quase todas as ocasiões para fazer publicidade à AOL, o que em Portugal não faz grande sentido porque o serviço não existe. Uma outra novidade é a capacidade para enviar SMS, embora não consiga enviar mensagens para utilizadores que não estejam ligados. Em termos de privacidade o AIM é bastante fraco, qualquer utilizador pode acrecentar–nos à lista deles sem a nossa autorização. Este facto é bastante importante para quem quiser controlar as pessoas a que têm o nosso contacto.

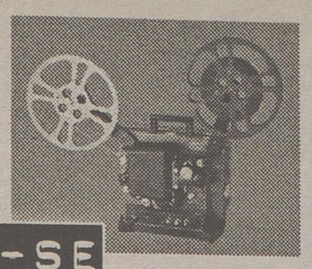
ICQ

Palavras para quê. O ICQ existe à 4 anos e já foram distribuidos cerca de 40 milhões de números. Mesmo que mais de metade não estejam activos ou haja pessoas com mais de um número, continua a ser o programa de mensagens mais utilizado na Internet. Na lista de novidades há a possibilidade de partilhar ficheiros com as outras pessoas na nossa lista de contactos e a capacidade de guardar remotamente a nossa lista de contactos. Mas continua a não possuir capacidade de video–conferência, e a não ser fácil de utilizar para os novatos.

Vencedor(es)?

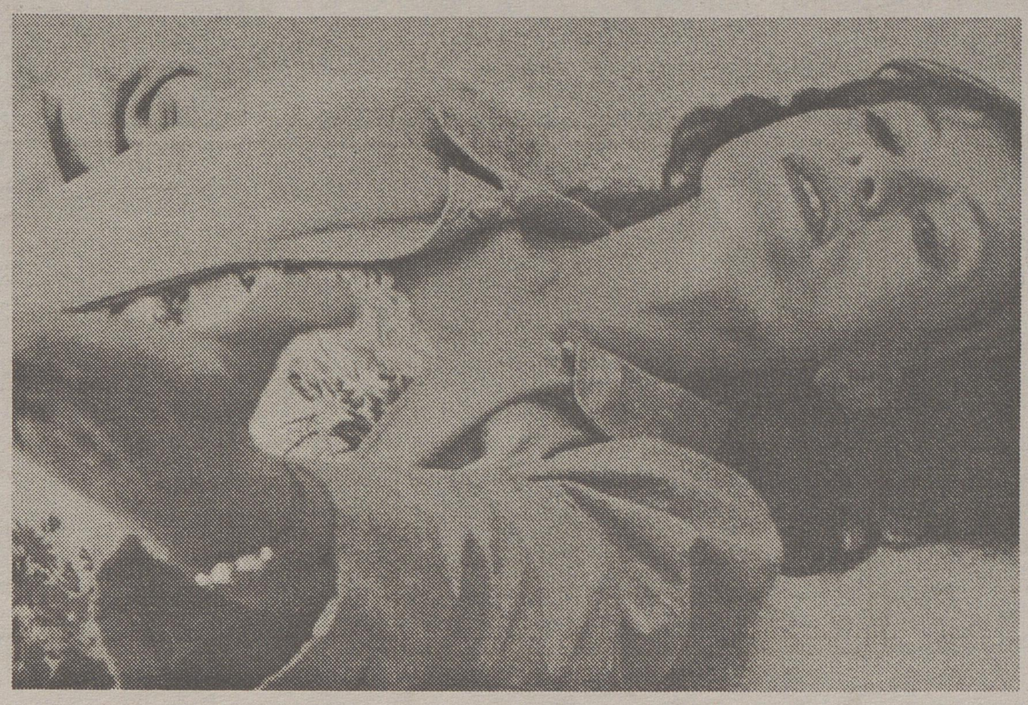
Nem por isso. Todos eles têm as mesmas capacidades, e também partilham dos mesmos defeitos. Não existe nenhum que seja demasiado fraco ou mais forte que os outros. Eu utilizo quase todos, mas penso que o ICQ bastaria. Todos os meus contactos nos outros programas também têm número no ICQ, e a utilização que eu dou aos programas é bastante básica. Apenas mensagens de texto, SMS e pouco mais. Quem leva vantagem é o ICQ, mas só graças ao seu número de utilizadores.

Feitas



"a Pianista" - Michael Haneke (2001)

Maria João Lopes

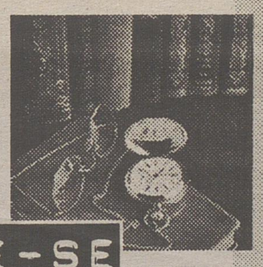


Escrever sobre "A Pianista" não é tarefa fácil. Sobretudo por ser um filme imenso em significados, polémico e que não reúne consenso acerca da carga dramática e da densidade psicológica que não encerra em si, mas antes transporta para o espectador, perturbando e questionando-o. Pelo menos uma coisa é certa: ninguém fica indiferente a esta obra de Michael Haneke. E isso já é suficientemente positivo: entrar numa sala de cinema com uma expressão facial e sair de lá com outra. Mais: sair de lá com a predisposição para pensar e digerir um filme difícil. Difícil, precisamente por se tratar do cruzamento entre duas almas, uma feminina e outra masculina. A reacção ao filme não pode ser homogénea. É obrigatoriamente uma recepção íntima e pessoal. Por isso mesmo, esta obra cinematográfica é um desafio.

Existem duas presenças incontornáveis pela forma exaustiva com que se entregam ao filme. São elas Isabelle Huppert e Benoît Magimel. Duas interpretações que expressam de forma intensa o diálogo de sombras que entre eles se estabelece. É que há uma pianista, professora exigente, pessoa fria, altiva, racional, sensível somente à música dos compositores loucos que tanto admira. E depois há a sua sombra, mais negra, mais perversa e solitária. A sua vida é uma luta para não pôr em causa a sua inteligência em detrimento de um sentimento difícil de controlar denominado amor. Por isso vai sozinha a salas de pornografia satisfazer as suas necessidades sexuais. E as emocionais? É aqui que o jogo se inverte e as suas regras ganham contornos contraditórios. Quando conhece Walter Klemmer, o equilíbrio de sombras conseguido por Erika Kohut complica–se. Já não se sabe quem é a professora, quem é a mulher. A fronteira entre o desejo e a loucura torna–se, cena após cena, mais ténue. E os protagonistas mais frágeis. A própria relação de Erika com a mãe, excessivamente protectora para quem já tem uma filha adulta, não é de todo linear. Com a figura ausente de um pai, internado num manicómio, a loucura parece povoar um pouco todos os universos.

E a casa onde coabitam mãe e filha também não fica à margem. Existe novamente uma busca desesperada pelo amor, da mãe pela filha ou vice–versa, e a consequente fuga dolorosa desse mesmo sentimento. Existe conflito acima de tudo.

E apercebemo–nos, em pequenos intervalos que o filme nos deixa para respirar, dos fragmentos de sofrimento que os binómios dor/sexo, sobriedade/amor, entrega/carência arrastam consigo durante todo o filme. Também o final é simbólico, porque representa a consumação absoluta de que a inteligência, o classicismo, a frieza e o racionalismo não vencem. A professora Erika deixa uma plateia que a venera à espera e foge. Não foge em paz e foge essencialmente daquilo com que não consegue lidar. A loucura e o amor são intemporais e sempre decisivos. A própria escolha da música como objecto de arte que impera não é arbitrária. A arte também tem destas coisas. Consegue tocar e abalar sem percebermos porquê. Como se gosta de ouvir tocar piano, mas não se sabe ler uma pauta. Mas, mesmo sem pautas e sem orientações, mesmo sem o compreendermos plenamente, estremecemos. A isso chama–se emoção estética. E é fundamental.



"Alexandra Alpha"

José Cardoso Pires (ed. Dom Quixote

Gonçalo Duarte

"Isto não é um país, é um sítio mal frequentado."

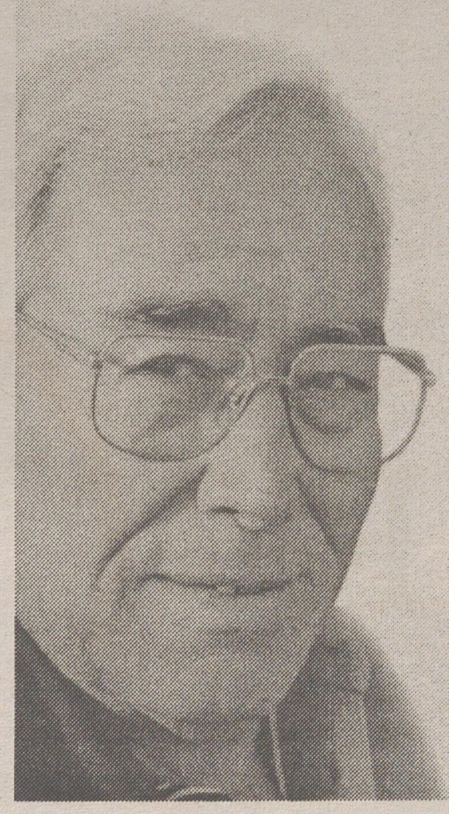
Palavras da própria, Alexandra Alpha, a Mana Alexandra. Nome de guerra de uma sobrevivente do país Portugal, o país "que o mar não quer" (palavras de Ruy Belo, repetidas por Alexandra). É nesse país, numa cidade chamada Lisboa, ao longo dos decadentes anos finais do regime ditatorial e passando pela alvorada de Abril, que Alexandra vive os seus trabalhos e paixões, os seus dias e as suas noites.

Uma cidade chamada Lisboa, a cidade de que Cardoso Pires foi escrevendo um livro de bordo ao longo da sua obra. A república dos corvos. Uma cidade em busca de si mesma, em eterno conflito com os seus habitantes, que igualmente a buscam. Uma cidade feita de contos e copos por quem a habita (ou tenta habitar): no caso, um grupo de amigos (e alguns desamigos) com um elevado nível cultural, que pensam e dizem (ou calam?) a sua cidade e o seu país, em encontros nocturnos de bar. Figuras lisboetas, honestas, tal como Cardoso Pires as sabia desenhar, longe dos esteriótipos. Figuras resistentes, que ainda hoje podemos encontrar nos bares da capital.

É em torno de Alexandra que se desenrolam as histórias paralelas dessas personagens: histórias sem uma continuidade muito rígida, fragmentos salteados por entre o passar dos anos (fragmentos vadios, memórias de copos). Com Alexandra, a história é menos clandestina. Seguimos–lhe os passos desde o regresso a Lisboa, após uma estada no Brasil em que herdou do homem que amou um enteado petiz, e sabemos–lhe a(s) morada(s) até à hora final, com incursões interrogativas a um passado que não confirma a Alexandra tornada mana para os amigos da vida lisboeta. Situamo–la nos seus cenários de guerra - os quartos, as ruas, os bares - e no seu posto conforme ao mundo solar - a agência de publicidade Alpha Linn ("tudo quanto pertencesse ao seu lado de Maninha (o mais íntimo e desregrado) não cabiam naquela eficácia programada em slogans e head–lines"). Alexandra é dupla, como o serão mais ou menos todas as personagens.

Que outra postura seria possível a um grupo intelectual em tempo de ditadura? Em bar aberto, as conversas são sempre trocadas através de meias palavras, numa gíria que confirma a dubiedade e é claramente tentativa de apropriação de uma identidade. Conversas de manos para manos (ou nem tanto assim, que ele há manos em que se não pode confiar às cegas...) sobre esse país Portugal, adormecido e perigoso, estupidificado em si mas com um olhar insistente sobre África, "a minha terra que não sabia o que fazer de toda esta cor azul e que morria a ocidente como o sol à tarde". Não será exagerado dizer deste livro que constitui um fresco da Lisboa desse tempo. Entre o círculo de Alexandra Alpha vão surgindo figuras representativas, desde os acérrimos combatentes aos discretos intelectuais coniventes que enterram a cabeça num jornal. Todos eles forçados a integrarem–se no país, a imaginarem–se nele, a inventarem o país em que têm de morar.

A obra de José Cardoso Pires é rica em personagens. Algumas personagens de "Alexandra Alpha" transcendem o livro porque existem empiricamente, foram talvez companheiras da mesa do escritor (é o caso, por exemplo, desse magistral Sebastião Opus Night, homem de duas memórias e duas vivências: a diurna e a nocturna). E, depois, é à partida um prazer ler um livro, qualquer que seja, de um autor como Cardoso Pires, que faz da escrita um lugar de encontro, que sabe pesar as palavras e que nos ajuda a descobrir, através delas, esse país em que nós próprios nos inventamos.

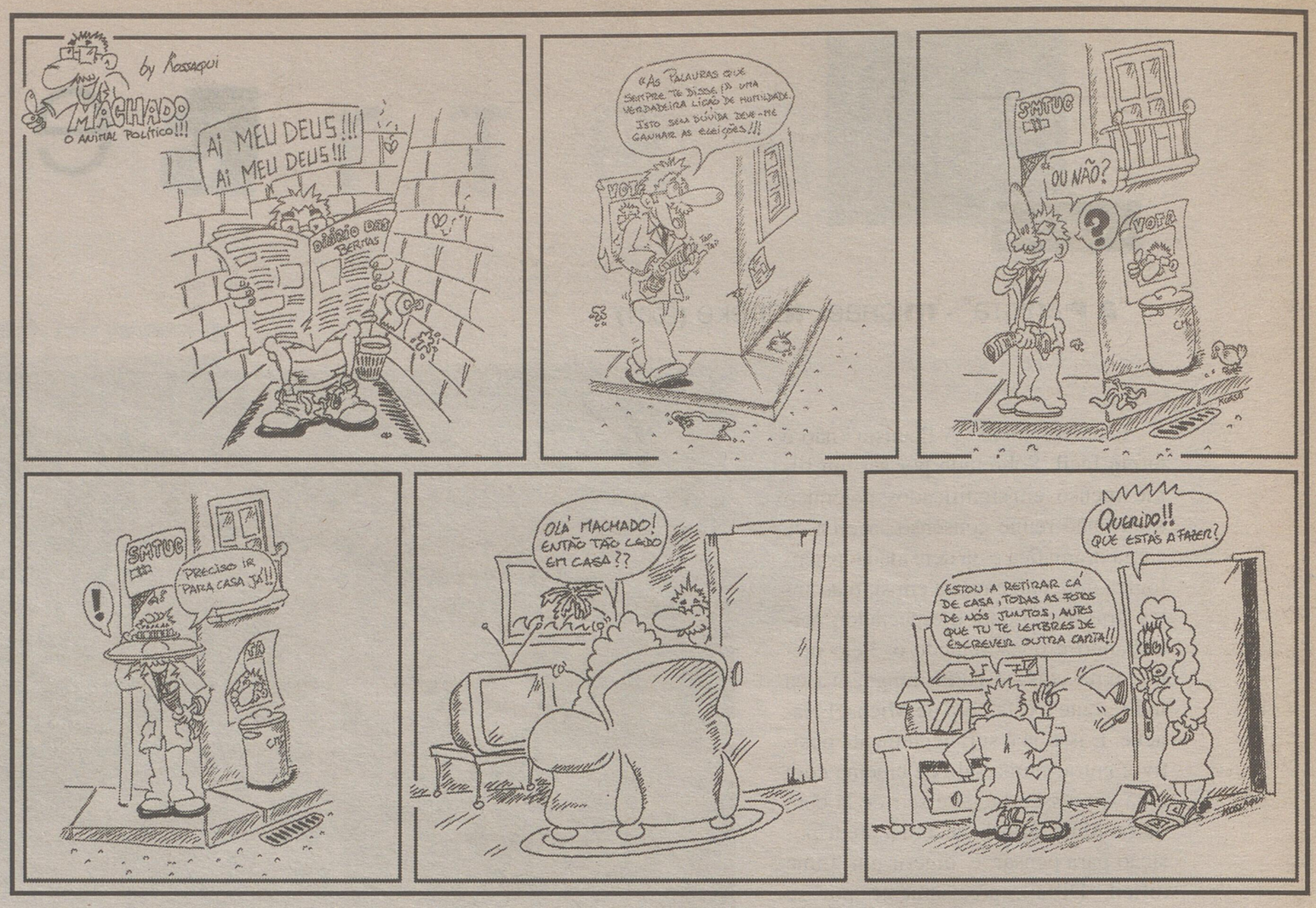


Direito em luta

No passado dia 19, cerca de 200 aluno s da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra participaram numa vigília que teve início pelas 22h30, junto à Porta Férrea. Segundo Hugo Queirós, presidente do Núcleo de Estudantes da Faculdade de Direito da Associação Académica de Coimbra , esta foi uma forma irónica de protestar contra a falta de espaços físicos na faculdade , servindo este acampamento para "garantir um lugar sentado"nas aulas do próximo dia.

A contestação continou com uma greve de zelo que ocorreu pelas 10h30 da manhã seguinte . A adesão dos alunos foi tal que alguns professores se recusaram a dar aulas mostrando, desta forma, o seu apoio às reenvindicações estudantis.

Para Hugo Queirós, "as promessas têm que acabar", passando as soluções para esta "situação crítica" pela transferência da Faculdade de Direito para a Faculdade de Farmácia e esta para o "tão prometido" Pólo III. Além disso, sugere também a reconstrução de alguns edifícios como o Colégio da Trindade, criando salas de estudo e bibliotecas para propocionar uma "melhor educação". Propõe ainda a recolha de cinco mil assinaturas para levar esta problemática à Assembleia da República.



Teatro Anónimo

Com a saída da Boca de Cena, o palco do INATEL passou a albergar uma nova companhia residente. O Teatro Anónimo, nas palavras dos seus responsáveis, Ricardo Kalash e Afonso Pereira Francisco, nasceu de um "encontro feliz", concretizado sob a forma de uma partilha de interesses mútuos. Sem implicar o pagamento de serviços por parte do INATEL, esta companhia teatral pretende melhorar e gerir a sala de espectáculos desta instituição, de modo a oferecer condições apropriadas aos "vários públicos" de Coimbra.

O grupo fundamenta a sua actividade em três pilares, reforçados por uma "lógica profissional": a produção própria; a gestão e programação da sala; e, por último, a formação de novos elementos, nas vertentes técnica, artística e de produção teatral. Neste momento com oito elementos, já elaboraram programação de espectáculos até Janeiro do próximo ano, contando com a colaboração de sete grupos locais. A maioria dos espectáculos provêm da "colaboração forte" do teatro amador, como assevera Ricardo Kalash. Simbolicamente, o "Ensaio Poético de um sem–abrigo", a cargo do grupo amador "Sem Abrigo", foi a sua primeira promoção.

Deste modo, prometem trazer a Coimbra uma maior oferta teatral, mas sem qualquer tipo de "discriminação ou orientação estética" em relação aos grupos que queiram encenar espectáculos no INATEL.

Apesar de admitir dificuldades financeiras, prometem não ficar de "braços cruzados" em relação ao panorama teatral da cidade e baseiam o seu optimismo num público ciente do seu "direito de cidadania e sentido crítico".

Até amanha, estará em cena "O Gato" pela Encerrado para Obras, seguido do "Auto da Barca do Inferno", no dia 26, pela Vicen'Teatro.

A angústia de uma sensação familiar

Gustavo Adolfo Blanco

Não estávamos então naquele período de absoluta calmaria em Coimbra, quando até os mais resistentes abandonam a cidade - havia ainda exames em algumas faculdades, um movimento maior do que aquele que alastra por Julho e Agosto. Nas janelas do Bar da Associação, folhas de papel impediriam olhares curiosos e a entrada de luz pelas vidraças, quase sempre sujas. Anunciava–se o início de uma temporada, com nova concessão.

Agora já decorrido algum tempo sobre a reabertura, tornou–se mais evidente a infeliz radicalidade da mudança, e ainda mais premente a necessidade de reflexões mais explícitas, esperemos que com discussão alargada. Seria dispensável lembrá–lo, só não há nervo que aguente.

Como esquecer os casos da "Brasileira", onde José Afonso compôs, do "Mandarim" de acesas discussões nos anos 60 e onde pela primeira vez entrou uma capa e batina depois de 1974, do "Arcádia", lá se juntavam os académicos mais fogosos do futebol e de outras andanças, do "Internacional", mais recente, único que recebia bem quem queria estudar. Transformados e adaptados a lojas de roupa ou outros fúteis bazares.

Ainda, o sucedido com o bar da Faculdade de Direito, em que a agressão foi consentida ou mesmo promovida por quem devia assegurar o cuidado pelos traços característicos basilares, respeitando o equilíbrio estético de conjunto.

Todos, cafés bem distintos dos demais, de alguma forma, e que indelevelmente carregavam ainda sinais de outros tempos, de um viver mais fraterno, de ilustres académicos, dos seus amigos e seus seguidores - figuras que ajudaram a construir a grandeza da nossa Academia, ou a polir o brilho daquilo a que hoje às vezes se reduz, a fama - uma ideia "negra" ajustada sem dúvida ao tema sobre o qual se escrevem estas palavras. E elas mesmas sentem a falta de um espaço simbólico como aquele que nos restava, das suas cadeiras e mesas, e que se adequava sempre aos muitos fins possíveis de criação ou recreação.

Olhemos então para o nosso ponto de paragem obrigatória de outrora: o Bar da Associação, que, é óbvio, não colocamos no mesmo nível dos referidos, e muitíssimo necessitava de ser recuperado e melhorado.

A luz, agora filtrada por uma dispensável e pesada decoração com madeiras, e que vencia a escuridão daquele espaço, espalhava–se e criava um curioso cenário em qualquer lugar. O mobiliário - só ali o encontrávamos - a preto e branco, cores que só alguns académicos menos informados desdenharão, está agora levianamente substituído por peças de marcada vulgaridade que encontramos em todos os cantos do planeta. Uma prateleira para pousar copos ao longo da sala é outra das pitorescas novidades. O chão, que não era bem limpo desde o fim do verão de 1999, agora coberto por uma camada de baças placas negras, não auspicia também melhores condições de higiene. Por fim, o ambiente de académicos mais activos e outros, vê–se hoje substituído por uma mais numerosa massa humana quase não identificável de todo, por vezes - retirando alguns dos habituais de ontem, não reconhecidos agora como tal - e que ali vai talvez só pela juventude daquele bar horrivelmente banal na sua autónoma novidade...autónoma, pois o edifício da nossa Académica não está ali a fazer nada, parece agora uma mera contingência geográfica.

Podíamo–nos alargar muito ainda... sobre o fundo, ou sobre mil pormenores: os dois símbolos perfeitamente traçados que foram raspados e trocados por um de plástico - pouco rigoroso, aquela instalação sonora que nos cerceia todos os ímpetos de maior recolhimento e sossego, ou a hipótese de um simples e informal diálogo...

Como classificar a atitude de quem o permitiu: a criação - num edifício tido como uma referência da arquitectura moderna portuguesa - de um espaço que rebenta com todos os limites de bom senso entre o que seria possível fazer?... de uma sala que quebra, pela repulsa, e nada tem a ver com o resto, dentro ou fora? De um bar–pub–discoteca assim, ao invés de uma necessária cafetaria cuidadosamente renovada?

Há males a que nos conseguimos adaptar com desconforto e inconformismo, tristemente, com o tempo.

Outras situações há em que não acreditamos num futuro convívio minimamente saudável e cómodo com os seus reflexos. Como esta, em que quem instiga ou encabeça a sua realização é precisamente quem tem o dever absoluto de se empenhar em evitá–la.